



**FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA EQUATORIAL
DEPARTAMENTO DE TEOLOGIA
CURSO DE BACHARELADO EM TEOLOGIA**

**A RELEVÂNCIA DA PREGAÇÃO EXPOSITIVA PARA A IGREJA
CONTEMPORÂNEA**

JOSÉ CARLOS ALVES DUARTE

BELÉM-PARÁ
2014



**FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA EQUATORIAL
DEPARTAMENTO DE TEOLOGIA
CURSO DE BACHARELADO EM TEOLOGIA**

**A RELEVÂNCIA DA PREGAÇÃO EXPOSITIVA PARA A IGREJA
CONTEMPORÂNEA**

JOSÉ CARLOS ALVES DUARTE

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito final para obtenção do grau de Bacharel em Teologia pela Faculdade Teológica Batista Equatorial; Orientador: Prof. Dndo. Samuel Marques Campos.

BELÉM-PARÁ
2014

**Dados Internacionais de catalogação-na-publicação (CIP), Biblioteca John S.
Oliver / FATEBE, Belém, PA**

D812r

Duarte, José Carlos Alves

A relevância da pregação expositiva para a Igreja contemporânea / José
Carlos Alves Duarte; Orientador: Samuel Marques Campos. Belém: 2014.
77f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade Teológica
Batista Equatorial - FATEBE, Curso Bacharelado em Teologia, Belém, 2014.

1. Homilética - Pregação expositiva. 2. Jesus - Escrituras. 3.
Campos, Samuel Marques I. Título.

CDD 251

NOMINATA
MANTENEDOR DA FATEBE

Seminário Teológico Batista Equatorial - STBE

Diretor Geral

Dr. D. B. Riker, PhD

A FATEBE

Diretor Geral

Dr. D. B. Riker, PhD

Diretor Acadêmico

Prof. Dndo. José Carlos de Lima Costa

Diretor Administrativo- Financeiro

Pr. Esp. Antônio Ronaldo Fermiano de Souza

Secretaria e Gestora Acadêmica

Profª. Sheila Sousa

Coordenador de Pesquisa e Pós-graduação / Coordenador de TCC

Prof. Dndo. Élcio Sant'anna

Professor Orientador / Coordenador de extensão

Prof. Dndo. Samuel Marques Campos

Composição do Texto

José Carlos Alves Duarte

JOSÉ CARLOS ALVES DUARTE

**A RELEVÂNCIA DA PREGAÇÃO EXPOSITIVA PARA A IGREJA
CONTEMPORÂNEA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito final para obtenção de grau de Bacharel em Teologia pela FATEBE – Faculdade Teológica Batista Equatorial / orientado pelo Profº. Dndo. Samuel Marques Campos.

Banca Examinadora:

1. _____

Samuel Marques Campos – Profº. Orientador

2. _____

José Carlos de Lima Costa – Profº. Avaliador

3. _____

Benildo Veloso da Costa – Profº. Avaliador

Aprovado em: ____/____/____

Conceito: _____

AGRADECIMENTOS

Ao Deus supremo que nos deu a oportunidade de vida e condições de concluir o curso.

Aos meus familiares, em especial pais, esposa e filhas. Também a todos os que de forma direta e indiretamente, contribuíram na elaboração deste trabalho.

À irmã Lorena Costa pela tradução do abstract.

Ainda ao meu orientador Prof. Samuel Marques Campos, que foi de extrema importância para esta realização, auxiliando-me com suas preciosas orientações acadêmicas.

À Igreja Batista na Brasília, em Altamira – PA, pelo sustento e orações. .

Ao todo o corpo docente da FATEBE/STBE, na pessoa do PhD, Pr. David Bowman Riker

Soli Deo Gloria!

A cura para muitos dos males que afligem a igreja e os seminários da atualidade deve ser encontrada na fiel exposição da Palavra de Deus. A fidelidade nesta área é o principal pré-requisito das mais profundas inquietações que sentem atualmente a igreja e a sociedade.

Kaiser Junior

RESUMO

A meta deste trabalho é mostrar a relevância da pregação expositiva na igreja contemporânea. Para tanto, analisou-se primeiro a situação da pregação frente aos desafios pós-modernos. Foi analisada panoramicamente a Pós-modernidade, que é antecedida pelo estudo da Modernidade, para então chegar-se às influências geradas sobre a pregação em alguns púlpitos evangélicos, que passaram a serem relativas, pragmáticas e secularizadas. No capítulo dois, compôs-se algo a respeito da relevância das Escrituras na pregação expositiva, identificado como “Teologia da pregação expositiva: resgatando os fundamentos”. Também analisou-se a presença da pregação no Antigo e Novo Testamento, onde viu-se os termos neotestamentários que se referem à exposição das Escrituras. Após, elencou-se, fundamentos bíblicos para a pregação expositiva. Viu-se que ela deve considerar a primazia das Escrituras, que são autoritativas, suficientes e inerrantes na pregação. Falou-se ainda que toda exposição bíblica precisa ser cristocêntrica, sendo a cruz indispensável à mesma. A parte final analisou a relevância da pregação expositiva na igreja contemporânea. Primeiramente foram apresentados os três principais métodos de pregação, ressaltando o expositivo como o mais eficaz. Devido sua eficácia foi destacado como eficiente para proporcionar o crescimento saudável da igreja e melhor instrução nas Escrituras. Em nível de conclusão foi apresentado considerações do objeto de estudo e expressou-se o anseio por trabalhos futuros.

Palavras-chave: Pregação expositiva; Jesus; Escrituras, pós-modernidade, verdade.

ABSTRACT

The aim of this text of writing is to show the relevance of the expository preaching in the contemporary church. Reaching this aim, it was first analyzed the situation of the preaching faced with the postmodern challenges. It was panoramically analyzed the postmodernity, that is preceded by the study of modernity, so getting at the influences created about the preaching in some evangelical pulpits, that had turned relative, pragmatic and secularized. The chapter two, it's consisting of something related to the relevance of the Scriptures in the expository preaching, identifying as "theology of expository preaching: recovering the foundations". It was also analyzed the presence of the preaching in old and New Testament, where it had been seen New Testament terms referred to exposition of the Scriptures. After, it has listed up, biblical foundations for expository preaching. It had seen that it must consider a primary of the Scriptures the authoritative, sufficient and inerrant in preaching. It was also talked that all biblical exposition needs to be christocentric, and the cross needs to be indispensable to this exposition. The final part analyzed the relevance of expository preaching in the contemporary church. First, it was presented the three main methods of the most effective. Because its effectiveness it was highlighted as efficient to provide the healthy growth of the church and better instructions in the Scriptures. In completion level, it was presented considerations of object of study and it was expressed the desire for future works.

Key-words: expository preaching; Jesus; pulpits; Scripture; Postmodernity; thuth.

SUMÁRIO

ELEMENTOS PRÉ-TEXTUAIS.....	1-11
1. INTRODUÇÃO.....	12-13
2. A PÓS-MODERNIDADE E A DESCARACTERIZAÇÃO DA PREGAÇÃO EXPOSITIVA.....	14
2.1 BREVE ANÁLISE DA MODERNIDADE.....	14
2.1.1 A gestação da modernidade.....	14-16
2.1.2 O nascimento e apogeu da modernidade.....	17-19
2.2 BREVE ANÁLISE DA PÓS-MODERNIDADE.....	19
2.2.1 A demolição da modernidade e o florescimento do pensamento pós-moderno.....	19-22
2.2.2 A cosmovisão pos-moderna: um desafio à pregação.....	22-24
2.3 INFLUÊNCIAS DA PÓS-MODERNIDADE NA PREGAÇÃO CONTEMPORÂNEA EM ALGUNS PÚLPITOS EVANGÉLICOS.....	25
2.3.1 A influência da relativização na pregação.....	25-26
2.3.2 A influência da pragmatização na pregação.....	27-29
2.3.3 A influência da secularização na pregação.....	29-32
3. TEOLOGIA DA PREGAÇÃO EXPOSITIVA: RESGATANDO OS FUNDAMENTOS.....	33
3.1 DEFININDO A PREGAÇÃO EXPOSITIVA.....	33-36
3.2 EVIDÊNCIAS DA PREGAÇÃO EXPOSITIVA NAS ESCRITURAS.....	36
3.2.1 Evidências da pregação expositiva no Antigo Testamento.....	36-40
3.2.2 Evidências da pregação expositiva no Novo Testamento.....	40-41
3.2.2.1 Termos genéricos para a pregação neotestamentária.....	41
3.2.2.2 Termos específicos para a pregação neotestamentária.....	41-44
3.3 A PRIMAZIA DAS ESCRITURAS NA PREGAÇÃO EXPOSITIVA..	44-45
3.3.1 A autoridade das Escrituras na pregação expositiva.....	45-47
3.3.2 A suficiência das Escrituras na pregação expositiva.....	47-50

3.3.3 A inerrância das Escrituras na pregação expositiva.....	50-51
3.4 A PRIMAZIA DE CRISTO NA PREGAÇÃO EXPOSITIVA.....	51-52
3.4.1 A centralidade de Cristo na pregação expositiva.....	52-53
3.4.2 A centralidade da cruz de Cristo na pregação expositiva.....	54-55
4. A PREGAÇÃO EXPOSITIVA E A IGREJA CONTEMPORÂNEA.....	56
4.1 A PRIMAZIA DA PREGAÇÃO EXPOSITIVA NA IGREJA CONTEMPORÂNEA.....	56-57
4.1.1 Pregação temática ou tópica.....	57-58
4.1.2 pregação textual.....	58-60
4.1.3 pregação expositiva.....	60-62
4.2 A RELEVÂNCIA DA PREGAÇÃO EXPOSITIVA NA IGREJA CONTEMPORÂNEA.....	62-64
4.2.1 A pregação expositiva e o crescimento saudável da igreja.....	64-66
4.2.2 A pregação expositiva e a vida doutrinária da igreja.....	67-68
4.2.3 A pregação expositiva e a vida pessoal do pregador: coerência entre discurso e prática.....	68-70
5. CONCLUSÃO.....	71-72
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	73-77

1. INTRODUÇÃO

“Nas últimas décadas o mundo mudou consideravelmente. Os avanços tecnológicos proporcionaram terreno propício para o desenvolvimento da atual era que trouxe mudanças ideológicas impulsionadas por inúmeros fatores”.¹ Estas mudanças dizem respeito a uma nova cosmovisão de mundo, ou seja, à “transição da era moderna para a pós-moderna, que coloca um sério desafio à igreja e sua missão no contexto da nova geração”.² Para Grenz “Nossa sociedade está em meio a um deslocamento cultural de proporções imensas”.³ Neste ambiente, Russel Shedd afirma que: “em nossos dias as igrejas evangélicas têm se esforçado cada vez mais para viver de acordo com os princípios ensinados por Jesus e seus apóstolos, conforme registrada no Novo Testamento, contudo, muitas vezes não temos atingido o padrão bíblico”.⁴ Assim, este deslocamento tem provocado sangrentos danos em algumas igrejas evangélicas contemporâneas, o que as levou, em alguns casos, a tornarem-se irrelevantes e tediosas.⁵

O presente estudo faz uma abordagem panorâmica da atual situação da pregação expositiva frente à igreja cristã evangélica. A abordagem se dá predominante a partir das influências da pós-modernidade sobre. Das reflexões feitas, volta-se, sobretudo, para a relevância e centralidade da mesma na igreja atual. Para esta empreitada a pesquisa é composta de três abordagens.

A primeira versa sobre “A pós-modernidade e a descaracterização da pregação expositiva”, objetivando localizar as influências que esta tem causado na exposição das Escrituras. O texto é composto por uma breve análise da Modernidade, que viria a ceder espaço à atual visão de mundo, que também é vista de relance. Em seguida, é edificado algo

¹ CAMPOS, Samuel Marques. *A pregação de Jesus como paradigma para a igreja contemporânea: um estudo exegético da pregação de Cristo nos evangelhos sinóticos*. Belém – PA: Fatebe, 2010, p. 16. Dissertação apresentada à Faculdade Teológica Batista Equatorial, como requisito final para obtenção do título de Mestre em Teologia. Material não publicado.

² MOHLER, Albert. R. Jr. *Deus não está em silêncio: pregando em um mundo pós-moderno*. São Paulo: Fiel, 2011, p. 24.

³ GRENS, Stanley J. *Pós-modernismo: um guia para entender a filosofia do nosso tempo*. Td. Antivan Guimarães Mendes. São Paulo: Vida Nova, 2008, p. 25.

⁴ SHEDD, Russell P. *Disciplina na igreja*. São Paulo: Vida Nova, 2007, p. 03. Prefaciada por Júlio O. Tavares Zabatiero).

⁵ SOUSA, Jadiel Martins. *Charles Finney e a secularização da igreja*. São Paulo: Parakletos, 2002, p. 21.

sobre as influências causadas pela pós-modernidade na homilia moderna, que em alguns casos passou a ser relativa, pragmática e secularizada.

A segunda abordagem fala algo a respeito da “Teologia da pregação expositiva: resgatando os fundamentos”. O objetivo desta é fornecer uma visão não abrangente do papel das Escrituras na pregação expositiva. Para tanto, realiza-se um estudo sobre a presença da homilia veterotestamentária e neotestamentária, seguido dos fundamentos bíblicos para esta. Declara-se que ela deve considerar a primazia das Escrituras, que são autoritativas, suficientes e inerrantes. Ressalta-se ainda que toda exposição genuinamente bíblica precisa ser cristocêntrica, tendo a cruz como indispensável para a mesma. Embora isto requeira uma atenção minuciosa, foi visto apenas de forma sucinta.

Por fim, apresenta-se uma reflexão acerca da relevância da pregação expositiva na igreja contemporânea, intitulada de “A pregação expositiva e a igreja contemporânea”. A meta aqui é escrever algumas linhas sobre a importância e centralidade desta na igreja e compreender que ela deve nortear as igrejas de hoje, ocupando a primazia em seus púlpitos. A princípio, aborda-se a centralidade da pregação expositiva na igreja, destacando os três principais tipos de sermões contemporâneos: o temático, o textual e o expositivo, que é visto como o mais eficaz e eficiente. Depois, destaca-se a relevância do sermão expositivo no crescimento da igreja, que segue de uma abordagem de que não basta crescer em números, tem que crescer espiritualmente. Assim, também é escrito algo sobre o papel da homilia expositiva no crescimento saudável da igreja. Por último, escrevem-se poucas linhas sobre a coerência necessária entre o discurso e prática do pregador, que dá uma sucinta ênfase na vida pessoal do pregador, que deve pregar para si mesmo antes de pregar a outros.

Portanto, a pesquisa torna-se relevante para construir uma igreja saudável e adequada para nossa realidade. As características da pregação expositiva são escriturísticas e norteadoras para aprimorar o cristianismo contemporâneo às convicções da fé cristã. Desta forma, ela molda o pregador e a igreja para uma vida estável e sustentável diante dos desafios da pós-modernidade. A fuga das virtudes e instabilidades hodiernas encontra-se numa pregação genuinamente bíblica, que aluda com seriedade os valores do reino de Deus para a igreja, ou seja, na pregação expositiva.

2. A PÓS-MODERNIDADE E A DESCARACTERIZAÇÃO DA PREGAÇÃO EXPOSITIVA

A meta deste capítulo é situar a pregação expositiva frente aos desafios impostos pela contemporaneidade. Para tanto, é analisado panoramicamente Modernidade, que bebendo na Renascença e no iluminismo encarregou-se de colocar o homem no centro do universo. Ao palmilhar a trajetória da modernidade passou de forma rápida pelo pensamento renascentista e também pelo iluminista. Depois de percorrer este trajeto chega-se a tão debatida pós-modernidade, que também é vista de forma sucinta, chegando-se então às influências desta sobre a homilia moderna em alguns círculos evangélicos. Analisa-se como os dardos inflamados da era contemporânea têm influenciado a prática de expor as Escrituras, tornando-se, em muitos casos, apenas um amontoado de proposições relativas, pragmáticas e secularizadas. Então, neste momento a preocupação será em tecer algo, mesmo que de forma não exaustiva, a respeito da contribuição do pensamento pós-moderno no dismantelamento de muitas pregações hodiernas.

2.1 BREVE ANÁLISE DA MODERNIDADE

Permeiar pelo pensamento moderno não é uma tarefa fácil, todavia, faz-se necessário, visto a transição ocorrente da modernidade à pós-modernidade. Mas, assim como a segunda não floresceu no vácuo, também aconteceu com a primeira quando uma série de acontecimentos contribuiu junto ao florescer da mente moderna.

2.1.1 A gestação da modernidade

Segundo Grenz, embora diversos historiadores associem o nascimento da modernidade ao pensamento iluminista, esta experimentou um período de gestação durante o renascentismo. Neste ponto ele afirma que:

Há um século os pensadores da Renascença já haviam elevado a humanidade ao centro da realidade; os princípios que ancoravam o método científico foram então propostos e liberadas as forças que iriam minar o domínio político e cultural da Igreja Católica Romana.⁶

Pode-se então dizer que o Renascimento foi um momento de relevantes mudanças, essencialmente, mas não somente, no que toca o sistema governamental da igreja. Segundo Lopes, até a renascença, a igreja dominava o mundo, porém o pensamento renascentista mexeu com a estrutura da igreja e desmoronou sua autonomia.⁷ Para Grenz:

Renascença é uma palavra francesa cujo significado é “renascimento” ou “reavivamento”, e designa um período histórico que foi em certo sentido, ambas as coisas: houve um renascimento do espírito clássico exemplificado nas antigas civilizações grega e romana, mas houve também um reavivamento no aprendizado depois da assim chamada “Era das Trevas”.⁸

Então, o nascimento da modernidade está inseparavelmente associado ao advento do Renascimento, período em que a Igreja testemunhou o mundo desentrelaçando-se de suas mãos e entrelaçando-se no processo da secularização, ou seja, num mundo descompromissado e liberto dos dogmas eclesiásticos antes dominantes.⁹ Ainda no que diz respeito a esta época, Cairns afirma que:

A Renascença, que teve lugar em importantes países da Europa entre 1350 e 1650, marca a transição da era medieval para o mundo moderno (...), ocasião em que as mentes dos homens foram estimuladas para a produção literária e artística pela redescoberta dos tesouros do passado clássico.¹⁰

Neste sentido, nasce um conflito entre fé e razão, onde a igreja perde sua hegemonia totalitária e outros meios de enxergar a realidade, entram em cena. A razão dá passos alarmantes rumo a sua entronização, que chegaria ao seu ápice na era moderna. Nesta ótica, Grenz atesta que “os pensadores da Renascença eram humanistas, no sentido de que haviam aderido aos valores humanos manifestos nos escritos clássicos [...], estabelecendo assim o fundamento da moderna empresa científica”.¹¹ Nesse mesmo sentido, Dreher é categórico em

⁶ GRENZ, Op. Cit., p. 90.

⁷ LOPES, Hernandes Dias. *Os desafios da vida ministerial*. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=vIFCaKc57w0>>. Acesso em: 23 out. 2014.

⁸ GRENZ, Op. Cit., p. 90.

⁹ Disponível em <www.ruipaz.pro.br/textos/renascimento>. Acesso em: 24 out. 2014.

¹⁰ CAIRNS, Earle E. *O cristianismo através dos séculos: uma história da igreja cristã*. Tr. Israel Belo de Azevedo. 2 ed. São Paulo: Vida Nova, 1995, p. 209.

¹¹ GRENZ, Op. Cit., p. 90

afirmar que “Ciência não se dá mais apenas com a repetição do antigo”.¹² Com isso, o velho pensamento da era medieval, de que nenhuma realidade poderia ser compreendida à parte da vontade de Deus, como também o sistema escolástico de aprendizado, tornaram-se ultrapassados.¹³ Desta feita, as novas descobertas europeias põem a visão medieval em crise, e o mundo prepara-se para uma nova forma de compreender a realidade.¹⁴ Em meio a essa crise, a razão e o antropocentrismo humano buscam ocupar lugar de destaque na nova cosmovisão de mundo. Neste interim vale a grafia de Dreher:

A partir daí seu interesse maior esteve centrado no ser humano, em sua individualidade, em sua autonomia, em sua liberdade. Desenvolveu-se toda uma luta em prol da liberdade, da emancipação do ser humano. As algemas e cadeias deviam ser postas de lado (...). A partir daí é compreensível que novos impulsos puderam ser dados às artes. A pintura, a arquitetura e a poesia buscaram reproduzir a Antiguidade e superá-la (...). O ideal não estava mais na ponta da torre da catedral gótica, apontando cada vez mais para o infinito; estava no ser humano.¹⁵

Assim, o palco para o pensamento iluminista, que por sua vez, seria absorvido pelo modernista está pronto. Quanto ao iluminismo as linhas traçadas por Grenz certamente são esclarecedoras e nos apontam em direção à íntima relação entre o Iluminismo e a modernidade:

A Renascença lançou os fundamentos da mentalidade moderna, porém, não foi responsável pela edificação de sua superestrutura. A cosmologia renascentista elevou a humanidade ao centro do universo, contudo não fez do indivíduo o centro autodeterminante do mundo. Os teóricos renascentistas foram pioneiros do método científico, entretanto, não reconstruíram a busca pelo conhecimento consoante à visão científica. O espírito renascentista solapou a autoridade da igreja, mas não entronizou a razão. A modernidade veio à luz depois de um longo período de gestação. Talvez a renascença foi a avó da modernidade, ao passo que o Iluminismo foi seu verdadeiro pai.¹⁶

Por esta razão, não nos é insano apontar que o Iluminismo foi, acima de tudo, o florescer da idade da razão, que seria definitivamente fixada em momentos posteriores, pois “bebendo na fonte da Renascença, o Iluminismo elevou o indivíduo ao centro do mundo”.¹⁷

¹² DREHER, Martin N. *A igreja no mundo medieval*: Coleção história da igreja Vol. 2. São Leopoldo: Sinodal, 1994, p. 11.

¹³ *Ibid.* p.10.

¹⁴ *Ibid.* p. 10

¹⁵ *Ibid.* p.132.

¹⁶ GRENS, Op. Cit., pp. 92-93.

¹⁷ *Ibid.*, p. 13.

2.1.2 O nascimento e o apogeu da modernidade

Se durante a Renascença e o Iluminismo a cosmovisão de um governo teocêntrico, que por sua vez se encontrava nas mãos da igreja, já sofreu suas investidas, com o surgimento da modernidade ela desmorona completamente, e aparecendo uma nova, que na verdade não é tão nova, cosmovisão de mundo, agora dominada pela razão humana, a qual está sendo colocada no trono e tornando-se a detentora do conhecimento e da verdade. Chegou a modernidade, todavia, segundo Carson, “o modernismo busca a certeza racional e portanto, cai no absolutismo, pois se recusa a reconhecer o perspectivismo essencial, ou seja, a parcialidade e a limitação de todo conhecimento humano”.¹⁸

O objetivo aqui é compor algo a respeito de seu nascimento e apogeu. Mas o que exatamente é a modernidade? Bem, este é de fato um ponto que merece atenção, pois como bem ressalta Machen, “o tempo presente é um momento de conflito na área religiosa”.¹⁹ Conforme Olson, “alguns comentaristas a descrevem como disposição cultural, um conjunto de perspectivas e atitudes que duraram de 1650 a aproximadamente 1950”.²⁰ Segundo Grenz, “muitos historiadores fixam a data do nascimento da era moderna no alvorecer do Iluminismo [...]. O cenário, contudo, fora armado anteriormente – na Renascença, que elevava a humanidade ao centro da realidade”.²¹

Nesta caminhada de reflexão sobre o nascimento da modernidade escritores o associam ao pensamento de René Descartes. Carson, por exemplo, fala da modernidade como acontecimentos culturais presentes no mundo ocidental no início do século XVII, que perduraram até poucas décadas atrás, que por sua vez estão associados ao pensamento de Descartes.²² Neste ponto também Grenz afirma que “René Descartes lançou as bases filosóficas do edifício moderno ao privilegiar o papel da dúvida, concluindo daí que a existência do ser pensante, é a primeira verdade que não pode ser negada pela dúvida”.²³ Sobre o pensamento da máxima cartesiana de “penso, logo existo” Carson faz alusão de sua contribuição na construção do pensamento moderno:

¹⁸ CARSON, D.A. *igreja emergente: o movimento e suas implicações*. Td. Marisa K.A. de Siqueira Lopes. São Paulo: Vida Nova, 2010, págs. 69/70.

¹⁹ MACHEN, John Gresham. *Cristianismo e liberalismo*. Td. Caio Cesar Dias Peres. São Paulo: Shedd Publicações, 2012, p. 9.

²⁰ OLSON, Roger E. *História da teologia cristã: 2000 anos de tradição e reformas*. Td. Gordon Chown. São Paulo: Vida, 2001, p. 554.

²¹ GRENZ, Op. Cit., p. 13.

²² CARSON, Op. Cit., p. 113.

²³ GRENZ, Op. Cit., pp. 13-14 .

Em 1619, Descartes estabeleceu para ele mesmo a tarefa de duvidar de tudo e, a partir dessa posição, tentar encontrar algum fundamento sólido de certeza sobre o qual poderia desenvolver toda uma filosofia. A obra de Descartes e de seus sucessores, independentemente do incentivo imediato, tentaram fundamentar todo conhecimento em justificação infalível. Seu axioma: “penso, logo existo” (...) serviu bem a Descartes e seus seguidores imediatos, fornecendo o alicerce sobre o qual construir.²⁴

Com esse axioma Descartes, embora na intenção de contestar os céticos de sua época, “definiu a natureza humana como uma substância pensante e a pessoa humana como um sujeito racional autônomo”,²⁵ dando assim incontestáveis contribuições para a entronização da razão, onde o “eu” cartesiano, decididamente não toma mais a Deus como pressuposto para ler o mundo em sua volta, nem tão pouco como o fundamento de todo conhecimento.²⁶

Com tal pensamento, a era moderna passou a viver desencantada com Deus e as coisas espirituais passaram a ser filtradas pela racionalidade humana; ou seja, na modernidade “o raciocínio humano é suficiente para alcançar verdades e estabelecer o bem-estar geral da humanidade”.²⁷ Assim, a fé acabara por se tornar escrava da razão e, na melhor das hipóteses, era apenas uma opinião de caráter pessoal. A razão tornou-se o veículo para o conhecimento de todas as coisas.²⁸ Os danos desse pensamento se fazem presentes na teologia e na pregação cristã, pois a Bíblia perde sua autoridade sobre o intérprete e, num processo inverso, o intérprete passa a ter autoridade sobre a Bíblia, já que houve a crucificação da fé pela razão.

Colocado de forma mais clara, “a Bíblia não tem mais autoridade sobre a mente do intérprete. Ela pode governar os atos dele, mas só se ele for um tanto tolo. Se ele for totalmente racional, só a razão governa sua vida”.²⁹ Porém, uma característica relevante da modernidade, quando vista à luz da pós-modernidade, é que embora haja o endeusamento da razão, o conceito de verdade objetiva permanece inalterável, ou seja, “a mente moderna supõe, especificamente, que o conhecimento é preciso, objetivo e bom”,³⁰ ou seja, na modernidade preservou-se a tese da verdade universal, que não poderia ser ameaçada pelo tempo ou espaço. Carson ressalta que durante esse período houve também o triunfo da ciência

²⁴ CARSON, D. A. *O Deus amordaçado: o Cristianismo confronta o pluralismo*. Td. Lena Aranha, Regina Aranha. São Paulo: Shedd Publicações, 2013, p. 58.

²⁵ GRENZ, Op. Cit., p. 14.

²⁶ CARSON, 2010. Op. Cit., pp. 114-115.

²⁷ CAMPOS, Op. Cit., p.24.

²⁸ CARSON, 2013, Op. Cit. p, 63.

²⁹ Ibid, p. 66. *Apud* SPINOSA, de Benedict. A theologico-political treatise. New Yorq: Dover, 1951, p, 103.

³⁰ ,GRENZ Op. Cit., p, 14.

moderna, que foi uma marca distinta da modernidade. Em sua grafia, “os triunfos da ciência serviram até tempos bem recentes como o primeiro sopro das trombetas da modernidade”.³¹

Portanto, “a era moderna caracterizou-se por um amálgama de filosofias e sistemas epistemológicos que, [...] relacionavam-se em sua proposta de modelos novos, que rompiam abertamente com o paradigma anterior”.³² Em suma, houve o endeusamento do homem, em detrimento da Pessoa de Deus, onde se “propôs uma variedade de normas para acender à verdade”.³³

2.2 BREVE ANÁLISE DA PÓS-MODERNIDADE

Tentar mapear os traços da pós-modernidade pode ser um exercício bem complexo, visto que o alarmante passo que a história deu nas últimas décadas, remodelou o pensamento moderno de forma entusiástica. Entrementes, a meta nesse momento é traçar uma humilde escrita a respeito do desencanto que a modernidade sofreu e conseqüentemente, o caminho aberto para o que ficou conhecido como pós-modernidade. Apresenta-se também uma singela definição desta, destacando, de forma panorâmica, algumas características do pensamento pós-moderno, para no passo seguinte, olhar-se, ainda que de relance, como isso contribui para a descaracterização da pregação expositiva em alguns púlpitos evangélicos contemporâneos.

2.2.1 A demolição da modernidade e o florescimento do pensamento pós-moderno

Na modernidade “a razão era o único parâmetro para se definir a verdade. O que fugisse do escopo da racionalidade deveria ser desconsiderado”.³⁴ No entanto, logo um pensamento seria minado na mente moderna e influenciaria de forma drástica a mente humana, ou seja, a modernidade passara a ser apenas uma luz, apagando-se no fim de um túnel obscuro, visto que, “o pensamento da era moderna e sua confiança em que a ciência, a

³¹ CARSON, 2013, Op. cit., p. 62.

³² SALINAS, Daniel; ESCOBAR, Samuel. *Pós-modernidade: novos desafios à fé cristã*. 2 ed. São Paulo: ABU, 2002, p. 14.

³³ Ibid. p. 14.

³⁴ CAMPOS, Op. Cit., p. 24.

tecnologia e o progresso, impulsionados por um ser humano autônomo, sob o reinado soberano da Razão, produziram um mundo edênico, [...] decepcionou a todos”,³⁵ pois chegou o momento em que esse ser antropocêntrico não mais era capaz de fornecer explicações racionais ao mundo que lhe cercava. Chegara o momento de desencanto e desilusões, o momento do ser humano ser frustrado consigo mesmo e ainda o momento do entusiasmo exacerbado da modernidade ser abalado pela realidade.³⁶ Isso se deu porque “a razão mostrou-se insuficiente para promover o progresso e o bem-estar da humanidade”.³⁷

Nesse momento crítico, o homem é governado por sentimentos de desesperança e o pensamento moderno “converteu-se num pesadelo revelador de que o progresso nos escapou das mãos, e o seu progresso, vai deixando uma seqüela de problemas ainda maiores do que os que pretendia resolver”.³⁸ Referindo-se a crise moderna Campos Atesta que “Guerras, catástrofes, a utilização da tecnologia para promover desavenças, epidemias alastrando-se por todo o mundo, foram alguns fatos que minaram fortemente as bases estruturais da Modernidade”.³⁹ Assim, com o pensamento moderno abalado, a modernidade anunciava seu declínio e morte, cedendo espaço para uma nova forma de contemplar a realidade. A pós-modernidade anuncia seu nascimento, porquanto, “diante do vazio que a modernidade deixou ao desmoronar-se, [...] aparece o pós-modernismo”.⁴⁰ Ao falar sobre esta Macarthur, afirma que:

O cristianismo cresceu, dominando a cultura da Idade Média, unindo a fé (conhecida pela revelação) e a razão para formar uma cosmovisão que permeou todo o conhecimento desses dias antigos. Caminhando na História, o modernismo veio e rejeitou o conceito medieval de que o conhecimento é baseado na autoridade. Os modernistas baseavam o conhecimento no processo de racionalização objetiva através da observação, que se tornou seu conceito de ciência. No século 18, alguns pensadores chegaram a contestar a supremacia da razão, a possibilidade da objetividade, e a habilidade de conhecer o mundo como ele é. O século 20 viu o aumento das dúvidas a respeito da objetividade e dos benefícios da ciência, como se ela fosse o fundamento do conhecimento, a conexão entre a linguagem e o mundo, e a principal forma de cosmovisão.⁴¹

³⁵ SALINAS; ESCOBAR, Op. Cit., p. 23.

³⁶ CAMPOS, Op. cit., p. 25.

³⁷ Ibid. p. 25.

³⁸ SALINAS, ESCOBAR, Op. Cit., p. 24.

³⁹ CAMPOS, Op. Cit., p. 25.

⁴⁰ SALINAS, ESCOBAR, Op. Cit., p. 25.

⁴¹ MACARTHUR, John. *Pense Biblicamente: recuperando a visão cristã de mundo*. Tr. Osvaldo Chamorro. São Paulo: Hagnos, 2005, p. 201.

Assim, mesmo que “os estudiosos não estejam de acordo quanto às implicações do pós-modernismo, entretanto, são unânimes em relação a um ponto: este fenômeno marca o fim de uma cosmovisão única e universal. O espírito pós-moderno resiste às explicações unificadas, abrangentes e universalmente válidas”,⁴² rejeitando a noção de verdade como universal, objetiva e absoluta. Ao referir-se à ela, Campos ressalta que enquanto “a modernidade se alvorava por possuir todas as respostas, a pós-modernidade, ao contrário, é caracterizada pela falta de fundamentos”.⁴³

No pensamento supracitado fica claro que os fundamentos da modernidade foram repensados e deram lugar ao pensamento hodierno, que é visto por Macarthur como um “movimento intelectual e cultural que se contrapõe ao modernismo”.⁴⁴ Conforme Macarthur “o termo pós-modernismo tem sido usado cada vez mais, desde os anos 1980, para descrever várias tendências populares na arquitetura, na arte, na literatura, na história, na cultura, e na religião”.⁴⁵ Para Grenz:

O termo pós-moderno talvez tenha sido cunhado e empregado pela primeira vez na década de 30 para se referir a uma importante transição histórica que já estava em andamento e também como designação para certos desenvolvimentos nas artes. Todavia, o pós-modernismo não ganhou atenção generalizada até a década de 70. Primeiramente, denotava um novo estilo de arquitetura. Em seguida, invadiu os círculos acadêmicos, primeiramente como rótulo para as teorias expostas nos departamentos de Inglês e de Filosofia das universidades. Por fim, tornou-se de uso público para designar um fenômeno cultural mais amplo.⁴⁶

Para Mohler “no nível mais básico, o pós-modernismo diz respeito à passagem da modernidade e ao surgimento de um novo movimento cultural”,⁴⁷ o que proporcionaria um instigante conflito para a fé cristã,⁴⁸ já que “os novos crentes que vêm à igreja trazem consigo sua própria forma de pensar, influenciados pela cultura na qual cresceram e têm sua particular cosmovisão”.⁴⁹ Macarthur, ao fazer uma leitura da pós-modernidade, chega à conclusão de que este “não é um termo de explicação fácil, porque descreve um modo de pensar que desafia (e até mesmo rejeita) qualquer definição clara”.⁵⁰ No mesmo caminho, Campos e

⁴² GRENZ, Op. Cit., p. 26.

⁴³ CAMPOS, Op. Cit., p. 27.

⁴⁴ MACARTHUR, 2005, Op. Cit. p., 201.

⁴⁵ MACARTHUR, 2008, Op. cit., 39.

⁴⁶ GRENZ, Op. Cit., pp. 12-13.

⁴⁷ MOHLER, Op. Cit., p. 124.

⁴⁸ Ibid. p. 126.

⁴⁹ MACARTHUR, 2005 Op. Cit., p. 200.

⁵⁰ MACARTHUR, 2008, Op. Cit., p. 39.

Santo afirma “que é uma tarefa hercúlea tratar do atual momento, pois existe o risco de simplificação. Devido à complexidade do tema, não há unanimidade na definição, nem no emprego de um termo ou palavra que melhor lhe defina ou expresse suas peculiaridades”.⁵¹ Contudo, Macarthur declara que “de modo geral, o pós-modernismo é marcado por uma tendência a repudiar a possibilidade de qualquer conhecimento seguro e sólido da verdade”, pois agora “cada pessoa tem o direito à sua própria verdade”.⁵²

Em suma, “a pós-modernidade está menos certa de que haja alguma verdade objetiva a ser descoberta”, pois “toda a interpretação está condicionada à cultura”.⁵³

Mas se não se pode falar sobre a verdade objetiva [...], então as interpretações são apenas opções pessoais, ou na melhor das hipóteses, condicionadas à cultura. Nenhuma interpretação poder ser descartada e não se pode permitir a nenhuma interpretação a condição de verdade objetiva.⁵⁴

Sem sombra de dúvidas esta máxima pós-moderna trouxe consideráveis danos, tanto para a pregação quanto para a fé cristã, que passou a ser nada mais do que algo subjetivo, relativo e pragmático em alguns movimentos evangélicos, resultando num “evangelho” empobrecido e secularizado.

2.2.2 A cosmovisão pós-moderna: um desafio à pregação

Certamente “nenhum processo histórico acontece de forma instantânea e sem que tenha sido provocado por uma associação de fatores. Entender como os processos se desenvolvem ajuda [...] a encontrar explicações para a atual situação, mas, especialmente fazer prognósticos e apontar caminhos a serem seguidos”.⁵⁵ Segundo Grenz “o pós-modernismo refere-se à atitude intelectual e às expressões culturais que estão se tornando cada vez mais predominante na sociedade contemporânea”.⁵⁶ Desta forma, esta era rejeita

⁵¹ CAMPOS, Samuel Marques; SANTOS NETO, Dílson Augusto. *A situação da pregação contemporânea: uma reflexão sobre ressonâncias da cultura pós-moderna em sermões de igrejas evangélicas na região metropolitana de Belém*. Revista Sistemática Equatorial. Revista da Faculdade Batista Equatorial, Belém PA, nº 02, 2014, p. 57

⁵² MACARTHUR, 2005, Op. Cit., p.39.

⁵³ CARSON, 2013, Op. Cit., p. 20.

⁵⁴ Ibid. p. 20

⁵⁵ SOUSA, Op. Cit., p. 15.

⁵⁶ GRENS, Op. cit., p. 26-27.

qualquer noção de absolutos, pois no âmago de suas vertentes “não existe verdade absoluta, ao contrário, a verdade é relativa à comunidade da qual participamos”.⁵⁷ Assim, na visão pós-moderna o significado do discurso depende do ambiente no qual o indivíduo se encontra e das regras impostas pela comunidade.⁵⁸ “Em última análise, é uma questão de contexto social e, portanto, é bem provável que se chegue à conclusão de que o que é certo para nós talvez não o seja para você e o que está errado em nosso contexto talvez seja aceitável ou até mesmo preferível no seu”,⁵⁹ já que “cada cultura estabelece a sua própria verdade”.⁶⁰

Porém, de fato, nenhum processo histórico nasce no vácuo. Assim, entrelace-se aos desencantos da modernidade a o avanço tecnológico da informação como contribuinte ao seu ápice. Conforme Grenz, “entre 1960 e 1990, o pós-modernismo emergiu como fenômeno cultural. Nenhum fator, entretanto, assoma com maior significado a chegada da era da informação”.⁶¹ Neste processo tecnológico “as informações que são disponibilizadas de forma acessível e de forma cada vez mais veloz possibilitaram que indivíduos, de qualquer lugar do mundo, tivessem acesso a diferentes culturas, religiões diversas, etc.”,⁶² proporcionando o florescimento que esta tanto precisava. Neste sentido, “a era da informação não somente modificou o trabalho que executamos como também aproximou o mundo de um modo jamais concebido anteriormente”.⁶³ Este advento da informação preparou o terreno à cosmovisão contemporânea, servindo de fundamento para esta.⁶⁴

Desta forma, pregar com fidelidade no contexto contemporâneo é tocar num ponto nevrálgico do cristianismo, pois, “não há mais padrões comuns que as pessoas possam apelar em seus esforços para medir, julgar ou valorizar ideias, opiniões ou opções de estilo de vida e acabaram-se também as antigas lealdades a uma fonte única de autoridade e a um centro respeitado de poder legítimo a que todos podiam recorrer”.⁶⁵ Desta feita, as circunstâncias parecem mostrar que a Bíblia ficou no porão de muitas igrejas evangélicas, as quais perderam as Escrituras Sagradas como ponto de referência da fé uma vez professada. Como destaca Silva, ao falar sobre o movimento religioso contemporâneo no contexto evangélico, “o ditado: a Bíblia é a nossa única regra de fé e prática, não passa de um engodo, fumaça na

⁵⁷ Ibid., p. 24.

⁵⁸ CAMPOS, Op. Cit., p. 29.

⁵⁹ GRENZ, Op. Cit., p. 30

⁶⁰ MOHLER, Op. Cit., p. 128.

⁶¹ GRENZ, Op. cit., p. 33.

⁶² CAMPOS, Op. Cit., p. 30.

⁶³ GRENZ, Op. Cit., p. 34.

⁶⁴ Ibid. p. 35.

⁶⁵ Ibid. p. 36.

vista, pois não funciona”.⁶⁶ Esta é uma verdade avassaladora e em meio a tal, temos como resultado a descaracterização da genuína pregação da Palavra de Deus. O cenário evangélico se tornou um campo de batalha onde a verdadeira pregação guerreia pela sobrevivência. Como afirma Mohler “grande porção da cristandade está espiritualmente faminta – e a pregação sã e bíblica se tornou um elemento bastante raro”.⁶⁷ A guerra está travada e tristemente testemunhamos uma massa de igrejas e pregadores abrindo mão da verdade escriturística e em muitas das vezes em prol de sua própria “verdade” e decididamente optarem por não lutar, enterrando assim qualquer princípio bíblico para a pregação e conseqüentemente, à vida cristã. A verdade bíblica se tornou ultrapassada na vida de muitas igrejas e ministérios, que acham mais plausível negociar a mensagem, como se fosse produto de supermercado, do que terem suas vidas moldadas pela exposição fiel do evangelho. Isto se dá porque se vive num tempo em que as ideias pós-modernas reinam em muitos âmbitos da vida, inclusive em diversas igrejas, que adotaram suas ideias e virtudes, mergulhando num mar, onde “a cultura é moldada pelo pós-modernismo”. Fato é que estas mentes se tornaram cativas dos princípios e valores contemporâneos, que segundo MacArthur,

A ideia de que a mensagem cristã deve ser mantida adaptável e ambígua parece especialmente atraente aos (...) que vivem em harmonia com a cultura e amam o espírito desta época e não podem suportar que a verdade bíblica autoritária seja aplicada com precisão como um corretivo para estilos de vida mundanos, mentes profanas e comportamento ímpio.⁶⁸

Infelizmente é nesse oceano religioso pós-moderno que a pregação expositiva está a navegar; e é certo de que ela não perdeu nem perderá sua eficácia, todavia, há uma descaracterização desta em nossos dias, devido a retirada dos fundamentos bíblicos para a mesma, já que, na fala de MacArthur “o instrumento do diálogo pós-moderno muda instantaneamente a mensagem”.⁶⁹

⁶⁶ SILVA, Osiel Gomes. *Mais palavras, menos movimento*. São Luís – MA: Doksa, 2008, p. 9.

⁶⁷ MOHLER, Op. Cit., p. 18.

⁶⁸ MACARTHUR, John. *A guerra pela verdade: lutando por certeza numa época de engano*. Tr. Gordon Chown. São Paulo: Fiel, 2008, p. 11.

⁶⁹ MACARTHUR, 2008, Op. Cit., p. 47.

2.3 INFLUÊNCIAS DA PÓS-MODERNIDADE NA PREGAÇÃO CONTEMPORÂNEA EM ALGUNS PÚLPITOS EVANGÉLICOS

Vale prosseguir ressaltando o pensamento de Mohler de que “a evidente falta de consciência da pregação contemporânea, é uma acusação severa de nosso cristianismo superficial. Quando o ministério do púlpito não tem substância, a igreja é divorciada da palavra de Deus e sua saúde e fidelidade diminuem imediatamente”,⁷⁰ e nesse recipiente de liberdade “os cristãos contemporâneos estão determinados a fazer com que o mundo goste deles”.⁷¹ Tal realidade deixa de refletir o evangelho da glória de Cristo.

2.3.1 A influência da relativização na pregação

Conforme Grenz, “o pós-modernismo está cada vez mais presente na sociedade”⁷² e, de acordo com o que foi exposto ele é, acima de tudo, uma rejeição declarada da verdade objetiva e universal e conseqüentemente, o endeusamento da “verdade” relativa. Isso faz transparecer que “a aversão contemporânea à verdade, é simplesmente uma expressão natural da hostilidade contra Deus”.⁷³ Assim, enquanto os modernistas ainda acreditam na razão como detentora da verdade objetiva para explicar a realidade, os pós-modernistas recorrem à subjetividade, tornando-a relativista.⁷⁴ Nessa caminhada desenfreada, a verdade deixou de ser a única verdade verdadeira, e nessa nova esfera da realidade, o que realmente importa “é que você pode ter a sua opinião, e eu a minha”,⁷⁵ ou seja, a verdade é definida pela interpretação pessoal, ou quando muito, grupal, pois “os pós-modernos creem que não somente nossas crenças específicas, mas também nossa compreensão da própria verdade encontra-se enraizada na comunidade da qual participamos”,⁷⁶ onde “o significado de qualquer texto e/ou discurso, depende do ambiente em que o indivíduo se encontra e das regras de linguagem empregadas pelo grupo ao qual ele pertence”.⁷⁷

Lamentavelmente, o pensamento pós-moderno infectou muitas de nossas igrejas e pregações contemporâneas, resultando num cristianismo superficial e sem vida, já que a

⁷⁰ MOHLER, Op. cit., p. 57.

⁷¹ MACARTHUR, 2008, Op. Cit., p. 15.

⁷² GRENZ, Op. Cit., p. 26

⁷³ MACARTHUR, 2008, Op. Cit., p. 16.

⁷⁴ CARSON, 2013, Op. Cit., p. 21.

⁷⁵ Ibid. p. 24.

⁷⁶ GRENZ, Op. Cit., p. 29.

⁷⁷ CAMPOS, Op. Cit., p. 29.

concepção pós-moderna tem moldado cada vez mais a sociedade como um todo.⁷⁸ No pensamento de Carson, a pós-modernidade invadiu a igreja e colocou o pregador do evangelho numa situação instigante, projetando em muitos casos uma visão equivocada do Deus das Escrituras, apresentando todas as crenças como suficientes para conduzir o homem a Deus, já que nessa pluralidade de verdades não existe lealdade para com a Bíblia, o que faz com que poucas pessoas se incomodem com novas religiões, que são apresentadas como verdade.⁷⁹ No entanto, numa cosmovisão cristã “se uma pessoa não tolera o conceito de Deus, a verdade também não terá lugar adequado na cosmovisão dessa pessoa”.⁸⁰ Assim, “a pregação tem sido removida, em grande parte e inúmeras inovações de entretenimento têm ocupado o seu lugar”,⁸¹ ou seja, a verdade das Escrituras tem sido anuviada pela pós-modernidade e, a forma mutável de tratar a verdade é por certo um grande ataque a pregação expositiva que aluda com veracidade a Bíblia Sagrada. Assim, “a tendência atual nos círculos evangélicos é de se anunciar um evangelho ralo e sem conteúdo”.⁸² Nessa tendência atual, mesmo quando esporadicamente alguém ousa pregar com fidelidade, o ouvinte acaba por relativizar o conteúdo da pregação, descartando aquilo que não lhe é agradável e favorável.

Desse modo, a relativização da mensagem pode ocorrer em dois âmbitos. Quando não é relativizada pelo pregador (que é também receptor), é pelo ouvinte, já que, como visto anteriormente a veracidade do discurso encontra-se na forma interpretativa que ele adota. Vale ressaltar que isso não quer dizer que o discurso será completamente destruído, mas apenas reconstruído na figura do receptor, que tentará reconstruir algo diferente.⁸³ Assistido desta forma fica lúcido que no pensamento contemporâneo, como visto até o momento, tudo pode ser relativizado, pois não há nada que seja correto ou verdadeiro para todos os indivíduos.⁸⁴ Infelizmente, nem mesmo a pregação da Palavra de Deus escapou dos dardos infetuosos da pós-modernidade e muitos receptores (tanto os pregadores quanto os ouvintes) da mensagem divina, estão abandonando a verdade de Deus para construir suas próprias verdades e visivelmente as ressonâncias na igreja evangélica contemporânea são desastrosas.

⁷⁸ MOHLER, Op. Cit. p. 27.

⁷⁹ CARSON, 2013, Op. Cit., pp. 23-26.

⁸⁰ MACARTHUR, 2008, Op. Cit., p.

⁸¹ STANLEY, Op. Cit. p. 30.

⁸² CAMPOS, Op. Cit., p. 35.

⁸³ TARANTO, Aldemaro Goulart. *Notas sobre o desconstrucionismo de Jacques Derrida*. MG: PUC de Minas. Programa de pós-graduação em letras Literaturas de língua portuguesa, 2003, p. 26. Para uma compreensão pormenorizada do desconstrucionismo de Derrida fica a obra supracitada como uma boa fonte. Disponível em <www.pucminas.br/imagdb/.../PUA_ARQ_ARQUI20121011175312.pdf> ou CARSON, D. A. *O Deus amorado: o Cristianismo confronta o pluralismo*. Td. Lena Aranha, Regina Aranha. São Paulo: Shedd Publicações, 2013.

⁸⁴ MACARTHUR, 2005, Op. Cit., p. 210.

2.3.2 A influência da pragmatização na pregação

Sem dúvidas relativizar as verdades contidas na Palavra de Deus, é o mesmo que abrir caminho para um distanciamento desenfreado dos princípios bíblicos que norteiam, tanto a mensagem, quanto o pregador e ainda a própria igreja. Consequente, quando os fundamentos (princípios) desmoronam o terreno se torna fértil às práticas pós-modernas. Nas linhas seguintes aborda-se, resumidamente, sobre os danos de mais uma das marcas da contemporaneidade, o pragmatismo, mas necessariamente ao pragmatismo religioso, que neste trabalho é visto como uma filosofia pragmática que toma o valor prático como primordial critério de avaliação⁸⁵ ou seja, “a noção de que as ideias podem ser julgadas pelas suas consequências práticas”.⁸⁶ Aplicado ao cenário da fé, significa que sempre que os resultados (na maioria dos casos numéricos) forem o fim em si mesmo houve pragmatismo.

Campos, ao referir-se aos danos do pragmatismo religioso em algumas igrejas evangélicas: “Um dos motivos pelo desinteresse pela doutrina e a superficialidade bíblica é o pragmatismo”.⁸⁷ Mohler atesta que quando levado pela maresia da pós-modernidade os homens são “demasiadamente aculturados, bastante cegos e muito insensíveis ao paganismo e a todas as idolatrias que os rodeiam”.⁸⁸ Isto acontece quando a igreja, na sede de atender as necessidades (diga-se de passagem, não espirituais) do homem moderno, busca estratégias que vão além das Escrituras, a fim de atender a demanda do “mercado da fé”. Para isto, a igreja precisa “saber o que o povo quer”.⁸⁹ Com isto, até o enfoque da pregação mudou,⁹⁰ pois passou a ser determinado pela opinião pública e deixou de ser a exposição sistemática de todo o desígnio de Deus para ser a resposta que satisfaz as necessidades banais da humanidade.⁹¹

Funestamente, o pragmatismo tem levado muitas igrejas e pregadores ao declínio. “É triste reconhecer [...], mas parece não haver limites para o que os líderes das igrejas farão para seduzir as pessoas que não estão interessadas na adoração e na pregação”.⁹² “Encaixa-se perfeitamente aqui a ideia, já popularizada, de que a mensagem é um simples produto e os

⁸⁵ Conforme listado em <<http://www.dicio.com.br/pragmatico/>>. Acesso em: 02 jan. 2015.

⁸⁶ MACARTHUR, John. *Verdade vs técnica*. Revista os puritanos: por reforma e avivamento hoje. Revista da Editora os Puritanos, Recife - PE, 1997, nº 05, p 14.

⁸⁷ CAMPOS, Op. Cit., p. 35.

⁸⁸ MOHLER, Op. Cit., p. 136.

⁸⁹ SOUSA, Op. Cit., p. 29.

⁹⁰ CAMPOS, Op. Cit., p. 35.

⁹¹ SOUSA, Op. Cit., p. 29.

⁹² MACARTHUR, 1997b, Op. Cit., p. 13.

ouvintes são os consumidores em potencial, são os clientes”.⁹³ Porquanto, “no tempo em que ser evangélico deixou de trazer consigo o atestado cabal da marginalização, o supermercado “gospel” também desabrochou simpaticamente, lucrativamente e hoje possui variados produtos para inúmeros adeptos, dos mais requintados aos popularescos”.⁹⁴ Segundo MacArthur, isto se dá porque “o entretenimento religioso está, em muitos lugares, rapidamente desalojando as coisas serias de Deus” e⁹⁵ alojando as técnicas de marketings a fim de que o “sucesso” ministerial e eclesiástico seja alcançado.

Na trilha escorregadia do pragmatismo, o pressuposto básico é a funcionalidade dos meios adotados e “a igreja está autorizada a fazer uso de tudo que é bom e funcional para seu crescimento, porque, sendo essas coisas boas e funcionais, então são obras das mãos de Deus”,⁹⁶ não importando se têm respaldo bíblico ou não, pois o que realmente importa são os resultados. Quanto à ênfase na funcionalidade, mesmo em detrimento da verdade, MacArthur alega que,

Atualmente, os evangélicos em toda parte, estão buscando desesperadamente novas técnicas e formas de entretenimento para atrair as pessoas. Se um método é bíblico ou não, não importa para os líderes das igrejas. Funciona? Este é o novo teste de legitimidade. Dessa forma, um pragmatismo rude tornou-se a filosofia que conduz a maioria das igrejas visíveis.⁹⁷

Conforme foi supracitado, o pragmatismo aparenta ser mais uma técnica da “engenhosa” mente humana, baseada em princípios e métodos que fogem do parâmetro das Escrituras e, infelizmente, muitos pregadores da atualidade estão navegando nesta onda gigantesca e esta atitude tem feito algumas igrejas experimentarem resultados catastróficos.⁹⁸ “Em última análise o pragmatismo define a verdade como aquilo que é útil, significativo e benéfico e as ideias que não parecem úteis ou relevantes são rejeitadas como sendo falsas”⁹⁹ pois, não servem para abastecer o “mercado” da fé.

Porém, o que se deve saber é que “a verdade bíblica não pode ser determinada por aquilo que funciona ou não”¹⁰⁰ pois, “a verdade e o significado não são determinados por

⁹³ SOUSA, Op. Cit., p. 29.

⁹⁴ TARQUINIO, Op. Cit., p. 35.

⁹⁵ MACARTHUR, 1997, Op. Cit., p. 13.

⁹⁶ SOUSA, Op. Cit., p. 32.

⁹⁷ MACARTHUR, *Verdades vs técnicas*, Op. Cit., p. 14.

⁹⁸ MACARTHUR, 1997, Op. Cit., p. 6.

⁹⁹ Ibid. p. 7.

¹⁰⁰ MACARTHUR, 1997b, Op. Cit., p. 14.

nossa intuição, experiência ou deseja”,¹⁰¹ mas pela própria Escritura na qual “Deus é o autor, a fonte, o determinador, o governador, o árbitro, o padrão máximo e o derradeiro juiz de toda a verdade”.¹⁰²

Assim, mesmo inserido num ambiente de uma sociedade tão pragmática, o pregador deve fugir das ameaças da pós-modernidade e apegar-se ferrenhamente às verdades inerentes da Palavra de Deus, visto que “a própria verdade não muda por causa de uma mudança de ponto de vista”¹⁰³ como também ele não tem “o direito de redefinir a “verdade”, para que ela se encaixe em seus pontos de vista, preferências ou desejos”.¹⁰⁴

2.3.4 A influência da secularização na pregação¹⁰⁵

Secularização, nesta obra, não refere-se à tentativa de dicotomizar a fé cristã, nem tão pouco a ideia de que há acontecimentos neste universo desprovidos do conselho Divino. Por secularização, entende-se o processo pelo qual a pregação, adotando técnicas e métodos humanistas¹⁰⁶, tem se distanciado do padrão das Escrituras, “tornando” em profano aquilo que é sagrado,¹⁰⁷ numa tentativa de “silenciar” a voz de Deus e elevar a voz do homem. Numa definição mais precisa: “a secularização pode ser definida como o processo, por meio do qual o espiritual deixa de ter valor para as pessoas e Deus é retirado do centro da existência humana”.¹⁰⁸ No caso da pregação, é substituir os valores das Escrituras pelos de uma sociedade sem Deus, já que, nas últimas décadas,

A própria finalidade primordial das ações da igreja tem sido modificada e a glória declarativa de Cristo, que deveria ser a finalidade primordial de qualquer ação da igreja, tem cedido lugar à busca da satisfação das necessidades pessoais. Desta forma metas são estabelecidas a partir do homem, isto é, os interesses do homem são os fatores determinantes na definição dos alvos que a igreja deve alcançar. Também

¹⁰¹ MACARTHUR, 2008, Op. Cit., p. 21.

¹⁰² Ibid. p. 30.

¹⁰³ Ibid. p. 22.

¹⁰⁴ Ibid. p. 22.

¹⁰⁵ Para uma análise panorâmica sobre a secularização da igreja ver: CASSIMIRO, Arival Dias. *Resistindo à secularização: reflexões sobre a luta da igreja contra a secularização*. São Paulo: Socep, 2002. Mas para uma análise mais profunda ver: SOUSA, Jadiel Martins. *Charles Finney e a secularização da igreja*. São Paulo: Parakletos, 2002.

¹⁰⁶ Humanista aqui expressa o mesmo significado atribuído por Jadiel Sousa, ou seja, aponta às igrejas onde o ser humano tem alçado ao posto da razão e existência das mesmas, que são voltadas quase que exclusivamente aos seus interesses. SOUSA, Op. Cit., p. 15.

¹⁰⁷ CASSIMIRO, Arival Dias. *Resistindo à secularização: reflexões sobre a luta da igreja contra a secularização*. São Paulo: Socep, 2002, p. 5.

¹⁰⁸ GOMES, Márcio Roberto. *Vivendo em um mundo secularizado*. Revista para jovens, grupos pequenos e estudos bíblicos. Revista da editora Cristã evangélica, São José dos Campos – SP, 2002, p. 17.

a metodologia é estabelecida em função do homem, e visa, antes que tudo, alcançar aquelas metas propostas por ele mesmo.¹⁰⁹

Visto nesta ótica, a secularização da pregação acontece quando o pregador passa a pregar a partir daquilo que seu ouvinte deseja, independente se é a sua necessidade (espiritualmente falando) ou não. Mais uma vez, o ouvinte e seus valores ditam as regras e põem em cena uma pluralidade¹¹⁰ de novidades nos “arraiais” da fé cristã. Pode-se dizer que a secularização é uma forma de cauterizar a mente do pregador, empurrando-o rumo ao precipício da mundanização da pregação e, conseqüentemente, da igreja, pois quando o processo de transformação de valores acontece, ali a secularização certamente se faz presente. Segundo Shedd, a massificação da mídia tem contribuído, de forma assustadora, no processo da secularização, onde “cada vez mais, se percebe que os meios de comunicação em massa, os jornais, o rádio, a televisão e as revistas pressupõem um mundo que ignora a Deus, e esta influência sutil [...], através dos meios de entretenimentos e informação, exclui a voz de Deus”.¹¹¹ Tal atitude estar metamorfoseando muitas igrejas evangélicas, levando-as à lamentável situação que se encontram hoje. Cassimiro, fazendo menção ao processo de secularização vivido pela Igreja Presbiteriana nos Estados Unidos, cita alguns danos do mesmo na igreja contemporânea. Diz ele:

Durante a crise que metamorfoseou a *Presbyterian Church in the USA*, os seguintes elementos foram introduzidos, levando ao lamentável estado em que se encontrava por ocasião da sua extinção: 1. Pluralidade teológica, abandonando a referência da teologia reformada; 2. Distanciamento da teologia reformada; 3. Interpretação liberal das Escrituras; 4. Valorização da experiência subjetiva, em detrimento dos fatos históricos registrados nas Escrituras Sagradas, como referencial; 5. Ênfase no ativismo social; 6. Foco na unidade institucional em detrimento da unidade doutrinária; 7. Alterações na Educação Teológica adotando os posicionamentos supracitados; 8. Reestruturação dos centros de Educação Teológica referenciais (por exemplo: Princeton) demitindo os Mestres e Doutores fiéis aos símbolos de Fé - Confissão de Fé de Westminster, Catecismos Maior e Menor. 9. Domínio nos centros de Educação Teológica referenciais por parte dos Mestres e Doutores liberais ou moderados, isto é, tolerantes ao liberalismo.¹¹²

Na mesma trilha, embora longa, vale destacar a citação de Sousa. Declara ele:

A realidade é que os interesses da igreja estão cada vez mais terrenos, temporais e humanos e o próprio conceito de salvação tem sido alterado. A salvação não tanto a

¹⁰⁹ SOUSA, Op. Cit., p. 15.

¹¹⁰ Para uma magnífica explanação sobre o pluralismo religioso ver: CARSON, D. A. *O Deus amordaçado: o Cristianismo confronta o pluralismo*. Td. Lena Aranha, Regina Aranha. São Paulo: Shedd Publicações, 2013, especialmente da página 10 a página 360.

¹¹¹ SHEDD, Russel P. *O mundo, a carne e o diabo*. São Paulo: Vida Nova, 1995, p. 17.

¹¹² CASSIMIRO, Op. Cit., p. 6.

libertação da condenação eterna e a reconciliação com o Criador, mas a libertação das mazelas que tornam a vida insuportável [...]. A salvação é resumida, prioritariamente, na libertação das misérias temporais. O além, o transcendente, e o eterno perdem todo o interesse quando comparados aos problemas relacionados à família ou às enfermidades ou crises financeiras. Observe ainda a aversão pela teologia. Donde vem essa atitude de desprezo pelas formulações teológicas da igreja? O que significa esse descaso pelas proposições doutrinárias? Aparentemente é apenas um desejo de tornar o evangelho prático e acessível ao povo, que nem sempre está habilitado para compreendê-lo, mas é possível que o problema seja mais grave. O problema real é que não há espaço para a verdade objetiva, absoluta ou revelada. As proposições teológicas carregam o pressuposto de que há uma verdade absoluta, diante da qual a igreja deve dobrar-se em obediência. Mas esse espírito é altamente ofensivo ao homem pós-moderno, contaminado pelo pluralismo teológico, no qual não se admite a existência de uma só verdade ou uma só expressão da verdade. Nada mais secular do que esta atitude.¹¹³

Quando cuidadosamente analisado, vê-se então, que os danos são funestamente avassaladores e podem descaracterizar qualquer igreja evangélica, independente de sua confissão denominacional, visto que “numa época de pressões, estresse e ansiedade, a palavra de ordem é entretenimento, pois as pessoas estão ávidas por diversão e [...] na vida diária praticamente tudo é descartável”.¹¹⁴ Nem mesmo a pregação escapou destes dardos inflamados e em diversas igrejas a pedida do momento é superficialidade e o método é mais importante que o conteúdo.¹¹⁵ Como consequência, muitos pregadores não almejam um relacionamento sincero e real com Deus. Quanto mais superficial ele for, melhor.¹¹⁶ Talvez outro bom quadro deste processo de secularização tenha sido traçado por Sousa. Ele advoga que:

O grande problema do relacionamento entre fé e cultura talvez seja mais bem definido pela palavra acomodação e na tentativa de se tornar aceitável ao homem moderno e pós-moderno, a Bíblia tem sido adaptada, acomodada às pressões exteriores e os evangélicos têm sido influenciados, em vez de influenciar, têm cedido espaço em vez de ganhar espaço.¹¹⁷

No desenrolar deste processo “a Bíblia tem perdido seu lugar às teorias seculares”,¹¹⁸ que de forma humanista, (conforme nota de rodapé número 92) onde alguns púlpitos evangélicos tornaram-se alienados do pensamento pós-moderno, e o ser humano tornou-se insensível, amortecido, indiferente e nada que não seja ele mesmo e não traga seu bem estar, o incomoda.¹¹⁹ Desta forma, por mais dura que seja a realidade muitas, igrejas evangélicas se

¹¹³ SOUSA, Op. Cit., pp. 38-39.

¹¹⁴ Ibid. p. 31.

¹¹⁵ Ibid. p. 31.

¹¹⁶ GOMES, Op. Cit., pp. 17-21.

¹¹⁷ SOUSA, Op. cit., p. 34.

¹¹⁸ Ibid. p. 34.

¹¹⁹ GOMES, Op. Cit., p. 18.

tornaram terrenas e temporais, ou na grafia de Sousa, se tornaram secularizadas,¹²⁰ o que para ele:

Significa dizer que a igreja se encontra voltada e centrada no humano e tem se tornado antropocêntrica, onde o universo da realidade humana é o centro das atenções e o motivo e a explicação para a ação religiosa. O centro deixou de ser Deus, o conhecimento de sua vontade e a busca de sua glória para ser o homem com suas necessidades e anseios.¹²¹

No desejo de atender todas as solitudes do homem moderno os expositores da Bíblia Sagrada têm negociado pontos inegociáveis da vocação cristã. Sobre isto Cassimiro afirma que “na Igreja Evangélica hoje, o pastorado está se secularizando, ou seja, deixando de ser um ofício sacerdotal para ser uma profissão. Entende-se a secularização dos pastorado como o processo de ser, de se formar e de se exercer o pastorado não segundo o modelo bíblico, mas no modelo da sociedade sem Deus”.¹²² Segundo Carson, “os efeitos da secularização, têm sido severos no púlpito e nos bancos da igreja”.¹²³ Assim, “as pressões para a secularização garantem que a observância religiosa formal pode coexistir com a marginalização da religião”.¹²⁴ Entretanto, “quanto mais humanizada, quanto mais secularizada, quanto mais parecida com as alternativas que o próprio homem concebeu, menos necessária se torna a igreja”.¹²⁵ Porém, mesmo em meio a crise que foi supracitada, cientifica-se que “que a igreja tem de mais poderoso não é a metodologia e sim, a mensagem. O poder que revoluciona e transforma a vida está no *conteúdo*,¹²⁶ do anúncio do evangelho”.¹²⁷

¹²⁰ SOUSA, Op. Cit., p. 37.

¹²¹ Ibid. p. 37.

¹²² CASSIMIRO, Op. Cit., p. 8.

¹²³ CARSON, Op. Cit., p. 40

¹²⁴ Ibid. p. 15.

¹²⁵ SOUSA, Op. Cit., pp. 40-41.

¹²⁶ Ênfase do próprio autor.

¹²⁷ SOUSA, Op. Cit., p. 41.

3. TEOLOGIA DA PREGAÇÃO EXPOSITIVA: RESGATANDO OS FUNDAMENTOS

Neste capítulo, falará algo a respeito da relevância das Escrituras na pregação expositiva, identificado como “Teologia da pregação expositiva: resgatando os fundamentos”. Também se referencia sua presença no Antigo e Novo Testamento, onde ver-se os termos neotestamentários que se referem à exposição bíblica. Após, elencar-se-á os fundamentos bíblicos para a pregação expositiva.¹²⁸ Vê-se também que ela deve considerar a primazia das Escrituras, que são autoritativas, suficientes e inerrantes na pregação. Fala-se ainda que toda exposição bíblica, precisa ser cristocêntrica, sendo a cruz indispensável à mesma.

3.1 DEFININDO A PREGAÇÃO EXPOSITIVA

Há como pressuposto para esta escrita o desanimador momento que a pregação experimenta nos púlpitos contemporâneos evangélicos, o que, de forma direta, tem contribuído para uma terrível crise na igreja evangélica. Na verdade, vivemos momentos de escassez da palavra de Deus nos púlpitos hodiernos, pois “a situação nas igrejas cristãs, salvo as honrosas e raras exceções, é de extrema pobreza e mediocridade nos púlpitos”¹²⁹. Desta forma, são inúmeras as mensagens proferidas em nome de Deus, todavia, são raras às vezes em que o caráter de Deus e a finalidade da morte expiatória de Cristo são anunciados com propriedade, o que nos provoca a pensar sobre a importância da pregação expositiva em meio a este tiroteio de aberrações feitas em nome de Deus. Cremos que a principal causa para este quadro aterrorizante, é o abandono dos princípios bíblicos para a pregação, em especial a pregação expositiva, o que faz concluir que a crise que se presencia nos púlpitos, é resultado de uma crise ainda maior, que é o abandono duma pregação verdadeiramente bíblica, que aduza com propriedade as diretrizes divinas para sua igreja, pois, “dominicalmente são oferecidos sermões mortos, pregações vazias, discursos inócuos, preleções insossas. A igreja tem sido submetida a uma dieta terrível: uma sopa rala que não nutre a fé”¹³⁰.

¹²⁸ É evidente que outros fundamentos igualmente importantes não foram alistados, como por exemplo, o da inspiração, iluminação e revelação das Escrituras, entre outros.

¹²⁹ <<http://www.teologiabrasileira.com.br/teologiadet.asp?codigo=356>>. Acesso em: 27 mar. 2014.

¹³⁰ <<http://www.teologiabrasileira.com.br/teologiadet.asp?codigo=356>>. Acesso em: 27 mar. 2014.

Desta feita, esta problemática é a mola propulsora deste capítulo, que visa acentuar alguns fundamentos bíblicos para a pregação da Palavra de Deus, já que nas palavras de Kaiser,

A cura para muitos dos males que afligem a igreja e os seminários da atualidade deve ser encontrada na fiel exposição da Palavra de Deus. A fidelidade nesta área é o principal pré-requisito das mais profundas inquietações que sentem atualmente a igreja e a sociedade.¹³¹

Assim, arisco-me nesta empreitada, com certo grau de apreensão, pois como afirma Robinson “tentar uma definição torna-se uma questão desajeitada, porque, ao definir algo, às vezes o destruímos”.¹³² Nesse mesmo sentido, Anglada também afirma que “as classificações geralmente pecam pelo simplismo. É difícil identificar, resumir e agrupar adequadamente as diversas ênfases, tendências, princípios e prática de uma determinada área de estudo sem deixar de fora aspectos importantes”.¹³³

Quando se trata de algo de tão grande relevância, como no caso da pregação, esse risco torna-se ainda mais preocupante, visto a responsabilidade que o pregador preenche diante do Deus Altíssimo e como ressalta Olyott “a obra de Deus no mundo e a pregação estão intimamente ligadas”, pois, “onde Deus age, ali floresce a pregação”.¹³⁴ Contudo, mesmo diante dos aparentes riscos não se pode deixar de grafar algumas linhas a esse respeito, mesmo porque, vivem-se momentos de tamanha ignorância cristã a respeito da pregação bíblica, onde “muitas pessoas têm formulado sua ideia de pregação a partir do que ouvem e leem, e não a partir de um estudo atencioso das Escrituras”.¹³⁵ Nesta idealização, poucos se inquietam em absorver a verdadeira importância da pregação. Na verdade, “a apatia está por toda parte. Ninguém se preocupa em verificar se o que está sendo pregado é verdadeiro ou falso. Um sermão é sempre um sermão, não importa o assunto”.¹³⁶

¹³¹ KAISER, Walter C. Jr. *pregando e ensinando a partir do Antigo Testamento: um guia para a igreja*. Rio de Janeiro. CPAD, 2010, p. 59.

¹³² ROBINSON, Haddon W. *Pregação bíblica: o desenvolvimento e entrega de sermões expositivos*. Td. Hope Gordon Silva. São Paulo: Shedd publicações, 2002, p. 21.

¹³³ ANGLADA, Paulo Roberto Batista. *Introdução à pregação reformada: uma investigação histórica sobre o modelo bíblico-reformado de pregação*. Ananindeua-Pa. Knox Publicações, 2005.

¹³⁴ OLYOTT, Stuart. *Pregação pura e simples*. Td. Francisco Wellington Denham Jr. São Paulo: Ed. Fiel, 2010, p. 14.

¹³⁵ Id. *Ibid*, p. 14.

¹³⁶ MACARTHUR, John. *Com vergonha do evangelho: quando a igreja se torna como o mundo*. Trad. Eros Pasquini Jr. São Paulo. Fiel, 2010, p. 5.

Desta forma, há um abismo entre o sentido bíblico de pregação e o que lhe é atribuído nos últimos tempos. Há igualmente o desprezo por uma verdadeira pregação, visto que, “vivemos numa época em que, não somente a pregação, mas também a existência da própria igreja está sendo contestada”.¹³⁷ Destarte, neste momento o limite será o de se apenas elencar algumas definições do que venha a ser uma pregação expositiva.

A obra de Robinson define pregação bíblica como sendo a arte de “expor as Escrituras e esclarecer o texto inspirado com tal fidelidade e sensibilidade que a voz de Deus seja ouvida e seu povo lhe obedeça”.¹³⁸ Robinson, em outra obra sua, refere-se a pregação expositiva como sendo

A comunicação de um conceito bíblico, derivado de, e transmitido através de um estudo histórico, gramatical e literário de uma passagem em seu contexto, que o Espírito Santo primeiramente aplica à personalidade e experiência do pregador, e depois, através dele, a seus ouvintes.¹³⁹

Robinson alude ainda que para que uma pregação seja de fato expositiva, o texto em apreço deve governar todo o sermão, ou seja, ele deve ser a substância da pregação e o que o pregador deve fazer, é simplesmente comunicar verdades já presentes no texto.¹⁴⁰ Quanto à ênfase do texto bíblico na pregação expositiva, Costa atesta que “sermão expositivo é aquele no qual tanto o tema quanto as divisões principais, bem como as subdivisões e até os argumentos provém de um texto relativamente longo”.¹⁴¹ Logo,

Expositiva se refere ao conteúdo e não ao método [...]. Na pregação expositiva, o texto bíblico não é uma introdução convencional a um sermão sobre um tema, na maior parte diferente, nem um gancho conveniente no qual pendurar uma sacola de retalhos de miscelâneas, e sim, um mestre que dita e controla o que é dito.¹⁴²

¹³⁷ LLOYD, D. Martyn-Jones. *Pregação e pregadores*. Trad. Joao Bentes Marques. São Paulo. Fiel, 2 ed. 2011, p. 17.

¹³⁸ ROBINSON, Haddon; LARSON, B. Craig. *A arte e o ofício da pregação bíblica: um manual abrangente para os comunicadores da atualidade*. Td. Valdemar Kroker, Daniel Hubertkroker, Rebeca Hubertkroker. São Paulo. Shedd publicações, 2009, p. 27.

¹³⁹ ROBINSON, 2002, Op. Cit., p. 22.

¹⁴⁰ Id. Ibid., p. 22 – 24.

¹⁴¹ COSTA, José Carlos de Lima. *Homilética*. Belém – Pará: Fatebe, 2010, p. 8. Apostila não publicada, produzida para a disciplina de Homilética, do curso de Bacharel em Teologia pela Faculdade Teológica Batista Equatorial.

¹⁴² ROBINSON, 2002. Op. Cit., p. 33. *Apud* STOTT John. *Between Two Worlds*. Grand Rapids: Eerdmans, 1982, pp. 125-126.

Lopes, numa definição mais ampla, contudo contundente, afirma que para que uma pregação seja digna de ser considerada expositiva, ela carece ter impregnada em si alguns aspectos. Desse modo, para o mesmo,

A pregação pode ter caráter expositivo desde que tenha o compromisso de explicar o texto da Escritura, segundo o seu significado histórico, contextual e interpretativo, transmitindo aos ouvintes contemporâneos a clara mensagem da palavra de Deus com aplicação pertinente.¹⁴³

Nesta definição de Lopes, todo sermão pode ser expositivo, pois como ele próprio afirma, “seria perfeitamente possível classificar a pregação expositiva como pregação expositiva textual, pregação expositiva tópica e pregação expositiva lectio contínua”.¹⁴⁴ “A pregação expositiva é, antes de tudo, pregação bíblica. Não é pregar sobre a Bíblia, mas prega a Bíblia”,¹⁴⁵ sabendo que “uma das maiores necessidades da igreja atual é ter uma pregação verdadeiramente bíblica”.¹⁴⁶

3.2 EVIDÊNCIAS DA PREGAÇÃO EXPOSITIVA NAS ESCRITURAS

Certamente, pregar expositivamente é uma tarefa árdua. Requer vidas consagradas e muito trabalho. Todavia, advoga-se que ela é altamente relevante para alimentar as ovelhas de Cristo, entretanto, muitos pregadores deixaram de crer na suficiência e eficácia das Sagradas Escrituras como fonte de suas mensagens, e passaram a correr em busca, não apenas mecanismos humanos para a pregação, mas também, do conteúdo da própria. Nas linhas próximas, almejamos alinhar algo a respeito da presença da pregação expositiva em toda a Palavra de Deus, a fim de moldá-la à sua própria fonte, a Bíblia.

3.2.1 Evidências da pregação expositiva no Antigo Testamento

Hoje, quando se fala em pregação expositiva parece-nos que se está falando de algo recente. Quando vem à mente um método, um novo estilo de pregação, porém a pregação expositiva é muito mais que isto ou um estilo de pregação e suas raízes estão muito além de

¹⁴³ LOPES, Hernandes Dias. *Pregação expositiva: sua importância e relevância para o crescimento da igreja*. São Paulo: Hagnos, 2008, p. 18.

¹⁴⁴ Id. *Ibid.*, pp. 18-19.

¹⁴⁵ Id. *Ibid.*, p. 19. *Apud* UNGER, Merrill. *Principles of Expository Preaching*. Grand Rapids, Michigan: Zondervan Publishing House, 1974, pp. 32/33.

¹⁴⁶ LARSEN David L. *Anatomia da pregação: identificando os aspectos relevantes para a pregação de hoje*. Td. Emirson Justino. São Paulo: Vida, 2005, p. 31.

décadas ou séculos. “A pregação expositiva, segundo a literatura, não é uma inovação dos especialistas em homilética, mas a volta às origens bíblicas”.¹⁴⁷ Suas raízes estão nas próprias Escrituras e refere-se à prática usada pelo povo de Deus há séculos.¹⁴⁸ Em concordância a isto, na obra de Robinson, está alinhado que “a história da pregação, com sua procissão de personalidades e escolas de pregação, é tão rica e complexa quanto à própria história do cristianismo”.¹⁴⁹ Nesse sentido, Anglada pode afirmar que:

Os antecedentes históricos da pregação cristã estão na pregação hebraica do Antigo Testamento, na homilia da sinagoga e na retórica clássica. A primeira influenciou principalmente o conteúdo da mensagem. A última sua forma e estilo. Isto não significa que a influência da retórica greco-romana na história da pregação cristã seja homogênea.¹⁵⁰

No entanto, entende-se que soa estranho falar-se de pregação expositiva no Antigo Testamento. Isso porque pouco ou quase nada existe escrito (pelo menos em português) em defesa da presença da pregação no mesmo. Talvez isso até justifique o desuso da exposição desta porção da Palavra de Deus nas igrejas cristãs. Quando se fala em pregação, de imediato já nos vêm à mente, Paulo, Pedro, Tiago, João e outros. Parece que automaticamente são bloqueados Isaías, Jeremias, Noé, Davi e tantos outros que foram porta-vozes do Altíssimo. Assim, “o Antigo Testamento é claramente ignorado e frequentemente negligenciado no ministério de pregação e ensino na igreja”.¹⁵¹ Por isto, é indispensável que se ouça a defesa que o próprio antigo testamento faz de si, nesse ínterim.¹⁵²

Todavia, aqueles que se aventuram em estudar a pregação a partir do Antigo Testamento precisam antes de tudo entender o caráter progressivo da revelação bíblica. Inicialmente, é preciso se entender que antes da queda, por não existir pecado, não havia pregador.¹⁵³ Isso se justifica pelo fato de antes da queda o homem poder gozar de uma relação íntima e direta com seu Criador, podendo, desta forma, desfrutar do sublime privilégio de estar face a face com o Senhor, conforme relata o enredo das Escrituras,¹⁵⁴ em que, Deus revelava seus desígnios diretamente ao coração do homem, não se fazendo necessária a

¹⁴⁷ LOPES, Op. Cit., p. 22.

¹⁴⁸ Ibid., p. 19.

¹⁴⁹ ROBINSON, 2009. Op. Cit. p, 73.

¹⁵⁰ ANGLADA, Op. Cit., p. 15.

¹⁵¹ KAISER, Op. Cit., p. 21.

¹⁵² Ibid. p, 16.

¹⁵³ ANGLADA, Op. Cit., p. 16.

¹⁵⁴ Cf Genesis 3:8 – 15.

proclamação de suas verdades por meio de outros. O Altíssimo não precisava de intermediador. Ele era o próprio pregador. Mas, “depois da queda o relacionamento direto entre Deus e o homem natural não seria mais possível e Deus começa a separar e empregar pessoas para mediar bilateralmente essa relação divino-humana.”¹⁵⁵. Começa a entrar em cena os porta-vozes de Deus, os pregadores.

A partir de então algumas facetas da pregação podem ser observadas no Antigo Testamento. Por exemplo, no período patriarcal os chefes de famílias estavam na responsabilidade de proclamar a vontade de Deus à sua família e clãs. Eram os verdadeiros pregadores, entendendo pregação como a proclamação da vontade de Deus ao homem. Neste período “Noé é chamado de pregador da justiça e Abraão de profeta de Deus”.¹⁵⁶

O período mosaico constitui uma nova faceta da proclamação da voz de Deus, destacando aquilo que é atribuído a Moisés, principalmente pelos relatos registrados no livro de Deuteronômio, “que na verdade é uma série de sermões de Moisés”,¹⁵⁷ proferido para instruir o povo de Israel. De fato, no livro de Deuteronômio há uma série de discursos chamando o povo de Deus para a renovação da aliança.¹⁵⁸ Nesse sentido, Anglada alude que:

A saída do povo de Deus do Egito e os quarenta anos no deserto constituem uma nova e importante etapa na história do povo de Israel e na revelação da vontade de Deus com relação ao culto e a pregação. Progressivamente Deus vai descortinando a natureza do seu caráter e da sua obra redentora. Nesse incipiente de teocracia, a pregação competia a Moisés e aos sacerdotes.¹⁵⁹

Neste período, o culto era realizado numa espécie de templo móvel, denominado de tabernáculo.¹⁶⁰ Moisés fora vocacionado por Deus para ser instrumento e porta-voz da revelação divina.¹⁶¹ Para Lopes, a pregação de Moisés preenche os requisitos de uma pregação expositiva, já que, “Moisés não apenas leu a lei, mas também a ensinou e aplicou-a a Israel”¹⁶². Entretanto, segundo Anglada,

Moisés passaria, todavia, a necessidade de ensinar a Palavra de Deus ao povo não passaria, e Deus ordenou a instituição do ofício sacerdotal. Os sacerdotes seriam os mediadores regulares do culto no tabernáculo. Competia-lhes, por um lado, a

¹⁵⁵ ANGLADA, Op. Cit., p. 16.

¹⁵⁶ Ibid., p. 16. Cf. também 2 Pedro 2:5, Genesis 20:7 e 18:19.

¹⁵⁷ LOPES, Op. Cit., 23.

¹⁵⁸ Ibid., 23.

¹⁵⁹ ANGLADA, Op. Cit. 17

¹⁶⁰ Cf. Deuteronômio 31:1 – 4.

¹⁶¹ ANGLADA, Op. Cit., p.17.

¹⁶² LOPES, Op. Cit. p., 23.

oficialização dos sacrifícios e, por outro, o ensino regular da palavra de Deus ao povo.¹⁶³

Por conseguinte, vem o período monárquico, em que o povo passou por um momento de ascendência e decadência. Ascendência no período de Josué e de decadência no período dos Juízes.¹⁶⁴ Neste período, o culto deixou de ser realizado num tabernáculo móvel e passou a ser realizado no templo de Jerusalém. Contempla-se então, uma nova etapa da progressividade da pregação bíblica. Sobre isto, Anglada declara que “a adoração pública regular ficou restrita àquele lugar, passando a ser oficiada pelos sacerdotes, assistidos pelos levitas, conforme as prescrições de Deus a Moisés e a Davi”.¹⁶⁵ Alude ainda que, “três ofícios básicos são geralmente reconhecidos nesse período de Israel: o real, o sacerdotal (levíticos) e o profético. Cada uma dessas instituições estava relacionada com a comunicação da vontade de Deus”.¹⁶⁶ Sobre o sacerdote estava o peso da realização de sacrifícios, como também o ensino da lei. No tocante ao ofício sacerdotal, Lopes atesta que talvez em Esdras,¹⁶⁷ encontram-se “o melhor exemplo que se tem no Antigo Testamento sobre pregação expositiva”.¹⁶⁸

Também se vê a presença da pregação expositiva no ministério profético. Os profetas, acima de tudo, foram pregadores.¹⁶⁹ Eles eram responsáveis por proferirem a voz do Criador às suas criaturas caídas. Eram os porta-vozes de Deus para levar a mensagem de arrependimento e mudança de vida ao povo. Anglada esclarece que a principal diferença entre os profetas e os sacerdotes “consistia em que, enquanto aos sacerdotes cabia o ensino da lei, os profetas eram ocasionalmente instrumentos diretos da revelação divina”.¹⁷⁰

Porém, vale destacar que, mesmo que haja a presença marcante da pregação no Antigo Testamento, ela não ocupava a centralidade do culto oferecido no templo. Este era usado primariamente para a oferta de sacrifícios. No livro de levítico encontramos diretrizes específicas a respeito das ofertas sacrificiais. Esta centralidade das mesmas se deu por conta de que o Antigo Testamento prefigurava o sacrifício redentor de Cristo Jesus. Assim, “a

¹⁶³ ANGLADA Op. Cit., p, 18.

¹⁶⁴ Ibid., p.18.

¹⁶⁵ ANGLADA, Op. Cit., p, 18.

¹⁶⁶ Ibid., 18.

¹⁶⁷ Cf. A exposição de Esdras ao povo em Neemias capítulo 8.

¹⁶⁸ LOPES, Op. cit. p. 25.

¹⁶⁹ Ibid. p. 22.

¹⁷⁰ ANGLADA, Op. Cit., p. 20.

natureza prefigurativa da antiga dispensação fez do sacrifício e não da pregação, o elemento principal do culto no Antigo Testamento”.¹⁷¹

3.2.2 Evidências da pregação expositiva no Novo Testamento

Segundo Anglada, “a inauguração da nova dispensação acarretou mudanças significativas na igreja institucional”.¹⁷² Tais mudanças atingiram de cheio o culto, agora cristão. Os sacrifícios perderam sua centralidade, visto que, Cristo já oferecera a si mesmo como sacrifício redentor. As prefigurações intertestamentárias ganham seu cumprimento, desde que “Cristo cumpriu e aboliu a oferta de sacrifícios cruentos”¹⁷³ do Antigo Testamento. Com isso a pregação substituiu-os, tornando-se o elemento central do culto.

Nesta ótica, para Throup, “a pregação fiel das Escrituras é a maior necessidade da igreja e do mundo [...]. Nada pode substituí-la. Ela deve ter sempre a primazia”.¹⁷⁴ Certamente qualquer pregador comprometido com o Evangelho de Cristo concordaria com estas palavras. Todavia, há a necessidade imediata de voltar-se às Escrituras, e pensar-se em que realmente consiste pregar a Palavra de Deus, visto a necessidade de reavivamento dos púlpitos hodiernos, que sofrem com as consequências do pensamento pós-moderno, que por sua vez, acabaram por destruir a confiança de muitos pregadores na supremacia das Escrituras.¹⁷⁵ Assim, lamentavelmente “muitos pregadores abandonaram seu compromisso com a Palavra de Deus”,¹⁷⁶ e esqueceram-se da essência da pregação bíblica, ou, conforme destacado na obra de Stott, “muitos ministros religiosos parecem já não acreditar nela como modo poderoso de proclamar o evangelho e de transformar vidas”.¹⁷⁷ Então, visto a importância do assunto alistaram-se as principais palavras gregas neotestamentárias usadas para à pregação neotestamentária.

De acordo com Anglada “o Novo Testamento faz uso de diversos termos relacionados à comunicação da Palavra de Deus. Alguns são genéricos, outros mais específicos. Uma

¹⁷¹ Ibid. p. 22.

¹⁷² ANGLADA, Op. Cit., p. 22.

¹⁷³ Ibid. p. 22.

¹⁷⁴ THROUP, Marcus Oliver. *O valor inestimável da pregação: a homilética em meio aos desafios da atualidade*. São Paulo: Candeia, 2009, p. 8. Prefaciada por Hernandes Dias Lopes.

¹⁷⁵ Ibid. p. 17.

¹⁷⁶ THROUP, Op. Cit., p. 17.

¹⁷⁷ STOTT, John. *Eu creio na pregação*. Td. Gordon Chown. São Paulo: Vida, 2003, p. 7. Prefaciada por Michael Green.

compreensão sobre a pregação depende, em grande parte, da compreensão do escopo de sentidos de cada um desses termos”.¹⁷⁸

3.2..2.1 Termos genéricos para a pregação neotestamentária

Os termos genéricos são:¹⁷⁹ λαλεω (laleo) e λεγω (legô), que embora semelhantes diferenciam-se pela ênfase dada a cada um. Enquanto laleo está focado na forma de expressão, legô focaliza-se no conteúdo da mensagem. Ele (e suas formas variadas) aparece 298 vezes no Novo Testamento e significa “dialogar”, “discutir”, “conversar”, “dissertar sobre algum assunto”. Segundo Campos, “Jesus utiliza laleo com conotação de comunicação do Evangelho poucas vezes”.¹⁸⁰ Por outro lado, Paulo fez amplo uso do termo em suas cartas, no total de 60 vezes.¹⁸¹ Legô é bastante utilizado no Novo Testamento. São 1.325 vezes.¹⁸² Seu significado básico é “dizer”, “falar”.¹⁸³ De acordo com Campos esta “palavra é empregada majoritariamente nos quatro evangelhos, ocorrendo 74% das vezes, e, nos sinóticos, corresponde a aproximadamente 54% dos casos.”¹⁸⁴ Por último há o termo ακον (akon), usado no sentido de “mensagem pregada”.

3.2.2.2 Termos específicos para a pregação neotestamentária

Embora o Novo Testamento use diversas palavras para fazer referência à pregação, ele reserva lugar de destaca para quatro.¹⁸⁵ Os termos específicos referidos por Anglada são: αγγελω (*aggello*), μαρτυρεω (*martureo*), διδασκω (*didaskô*) e κερυξ (*Kerux*), juntamente com seus derivados.¹⁸⁶

¹⁷⁸ ANGLADA, Op. Cit., pp. 22-23.

¹⁷⁹ Ibid. pp. 23-24.

¹⁸⁰ CAMPOS, Op. Cit., p. 71.

¹⁸¹ Ibid. p. 70.

¹⁸² CAMPOS, Op. Cit., p.72. *Apud* concordância Fiel. le.gw, legō. pp. 464-474.

¹⁸³ GINGRICH, F. Wilbur. *Léxico do Novo Testamento: grego português*. Td. Júlio P. T. Zabatiero. São Paulo: Vida Nova, 1984, p. 125.

¹⁸⁴ CAMPOS, Op. Cit., p. 73.

¹⁸⁵ OLYOTT, Op. Cit., p. 14.

¹⁸⁶ ANGLADA, Op. Cit., pp. 23-37.

Quanto ao uso de *Kerux* (ou suas variações) Olyott alude que é a mais importante palavra usada no Novo Testamento para reportar-se à pregação e significa declarar como um arauto e refere-se à mensagem real.¹⁸⁷ Segundo Campos, eles “têm relação com a pregação do Senhor como o arauto de Deus. Ele proclama a chegada do Reino de Deus através da sua pessoa, anunciando o arrependimento e trazendo, conseqüentemente, o cumprimento dos relatos proféticos”.¹⁸⁸ No mesmo direcionamento que Olyott, Anglada afirma que *kerux*, na sua forma substantivada “designa no grego clássico um arauto, um porta voz oficial de um rei ou de outra autoridade [...]. Aquilo que o arauto anunciava tornava-se válido mediante o ato da proclamação”,¹⁸⁹ e foi usado apenas três vezes no Novo Testamento, uma por Pedro e duas por Paulo. Porém suas variações ocorrem várias vezes.¹⁹⁰ Talvez o uso escasso do substantivo “se deva ao receio de que o pregador cristão fosse confundido com o arauto grego, o qual assumia a função motivado pelo ganho financeiro, ou porque, a ênfase do Novo Testamento recai sobre o ato e não sobre a pessoa do pregador”.¹⁹¹ Quanto ao seu uso geral, Olyott esclarece ainda que o termo,

Sempre ocorre quando falamos sobre pregação. É usada mais de sessenta vezes no Novo Testamento. Significa “declarar, como o faz um arauto”. Refere-se à mensagem de um rei. Quando um soberano tinha mensagem para seus súditos. Ele entregava aos arautos. Estes entregam às pessoas sem muda-la ou corrigi-la [...]. Os ouvintes sabiam que estavam recebendo uma proclamação oficial.¹⁹²

Logo, *kerussein* enfatiza a transmissão da mensagem, que por sua vez é dada por Deus e não deve ser alterada pelo pregador, visto que o ele é o vaso ou instrumento usado por Deus para alcançar as pessoas.¹⁹³

No tocante ao uso de *αγγελω* (*angelô*) este é o vocábulo do qual obteve-se a palavra evangelizar, e seu significado no grego é trazer “boas novas” ou “anunciar a boas novas”, como aparece em Lucas 2:10.¹⁹⁴ “Seus derivados denotam o ato de um mensageiro (*αγγελος*), que anuncia ou relata uma mensagem ou ordem [...], quando a ênfase recai na

¹⁸⁷ OLYOTT, Op. Cit., p. 14.

¹⁸⁸ CAMPOS, Op. Cit., p. 92.

¹⁸⁹ ANGLADA, Op. cit., p. 35.

¹⁹⁰ Ibid. 36. Ver as mensagens de Paulo em 1 Timóteo 2:7 e 2 Timóteo 1:11, quando ele afirma que foi designado pregador, apóstolo e mestre, que aponta a essência de seu ministério. Ver também 1 Pedro 2:5, que faz referência a Noé como pregador da justiça.

¹⁹¹ ANGLADA, Op. Cit., p. 36.

¹⁹² OLYOTT, Op. Cit., p. 14.

¹⁹³ LOPES, Op. Cit., p. 16.

¹⁹⁴ OLYOTT, Op. Cit., p. 14.

notificação ou anúncio das boas novas de salvação”.¹⁹⁵ Contudo, sua presença no Novo Testamento, se dá de forma rara, mas em contrapartida suas variações se dão de forma mais maçante. Por exemplo, o verbo αναγγελλω (*anaggellô*) ocorre 18 vezes, dez dessa fazendo menção a verdades divinas.¹⁹⁶ Também o verbo απαγγελλω (*apaggellô*) é bastante difundido nos escritos neotestamentários e ocorre 49 vezes, sendo cinco referentes ao evangelho. De acordo com Campos *apaggellw* “tem relação com a missão de Cristo como servo de Deus de promulgar esperança aos gentios, cumprindo assim, as profecias veterotestamentárias”.¹⁹⁷ Outros derivados de *aggelos* são: διαγγελλω (*diaggellw*), que significa publicar, proclamar; καταγγελλω (*kataggellw*), que foca a extensão e alcance da mensagem.

Porém, o termo mais usado para o anúncio das boas novas é o verbo ευαγγελιζω (*euaggelizw*), significando “evangelizar”, “anunciar o evangelho” e, em casos específicos podendo ser sinônimo de κερυσσω (*kerussô*). Este é mais usado para se referir à comunicação do evangelho, destacando-se o caráter da mensagem.¹⁹⁸ Das vezes em que este verbo é usado, a maioria faz referência ao apóstolo Paulo.¹⁹⁹

Quanto ao termo μαρτυρεω (*martureo*) e derivados, conforme Anglada, tanto este vocábulo quanto μαρτυρομαι (*marturomai*) ocorrem quando a ênfase fica sobre a pessoa, como testemunha de algum acontecimento, pessoa ou verdade. Assim, eles significam “dar testemunho”, “testemunhar”, “testificar”, sendo os mesmos de origem jurídica e, ocorrem oitenta e duas vezes, ficando a maioria na escrita joanina, quarenta e sete ocorrências.²⁰⁰ Ao falar sobre o significado deste termo, Olyott chama à atenção quanto a distorção contemporânea ao usá-lo, diz que “frequentemente usam esta palavra a fim de descrever aqueles momentos em que contam aos outros sua experiência com o Senhor”, mas “na Bíblia *marturew* não é usado dessa maneira”.²⁰¹ Ele destaca ainda que uma passagem extremamente relevante ao estudo de *marturew* é a de Lucas 24:44-48, em que Jesus diz que seus discípulos deveriam testemunhar dos acontecimentos do evangelho.²⁰²

¹⁹⁵ ANGLADA, Op. Cit., p. 25.

¹⁹⁶ Conferir em: João 4:25; 16:13, 14, 15, 25; Atos 20:20, 27; Romanos 15:21; 1 Pedro 1:12; 1 João 1:5.

¹⁹⁷ CAMPOS, Op. Cit., p. 79.

¹⁹⁸ ANGLADA, Op. Cit., p. 27.

¹⁹⁹ Ibid. p. 27. Ver também alguns dos textos, como: Lucas 9:6; Atos 5:42; Romanos 1:15; 15:20; 1 Coríntios 1:17; 9:16; 9:18 entre outros.

²⁰⁰ ANGLADA, Op. Cit., p. 28.

²⁰¹ OLYOTT, Op. Cit., p. 16.

²⁰² Ibid. p. 16.

Fazendo referência à Διδασκω (*didaskô*) e derivados Olyott afirma que “esta palavra significa pronunciar em termos concretos o que a mensagem significa em referência ao viver”.²⁰³ Para Anglada,

Didaskw (ensinar, instruir) pode ser usado de modo intercambiável com *kerussw*, mas é geralmente empregado no Novo Testamento quando a ênfase não recai na mensagem, mas na atividade de um διδασκαλος (*didaskalos* - mestre), cuja tarefa consiste em explicar ou preservar (passando adiante) a vontade de Deus revelada na sua Palavra.²⁰⁴

Referente à relação existente com *kerussô*, Olyott destaca que é um erro grave separá-los, diz que “não são apenas teólogos eruditos que têm procurado fazer isso, pois há inúmeros crentes, em nossas igrejas, que fazem uma clara distinção entre uma “mensagem evangelística” e uma “mensagem doutrinária”²⁰⁵ ”.²⁰⁶ Das cinquenta e nove ocorrências de *didaskalos*, quarenta e duas delas são nos evangelhos e faz menção a Jesus, o mestre por excelência.²⁰⁷

Portanto, para que se compreenda de forma mais apurada a presença da pregação expositiva, faz-se necessário conhecer os termos gregos que a designa. Com vista nisto, eles foram apresentados, de relance, nas linhas anteriores, mas vale ressaltar a exortação de que:

No Novo Testamento, não temos uma palavra que significa pregar para o perdido e outra que signifique pregar para o salvo. Simplesmente não encontramos mensagens conhecidas como mensagens doutrinárias, enquanto outras são conhecidas como mensagens evangelísticas. Alguns [...] podem achar isto desagradável, mas não podemos alterar o que a Bíblia diz.²⁰⁸

3.3 A PRIMAZIA DAS ESCRITURAS NA PREGAÇÃO EXPOSITIVA

“Uma teologia de pregação, começa com um reconhecimento humilde de que a pregação não é uma invenção humana e sim uma criação graciosa de Deus e uma parte central de sua vontade revelada para a igreja”.²⁰⁹ Talvez seja pertinente neste momento salientar as palavras iniciais da obra de Anglada: “talvez a Igreja de Cristo esteja atravessando um dos

²⁰³ OLYOTT, Op. Cit., p. 16.

²⁰⁴ ANGLADA, Op. Cit., p. 30.

²⁰⁵ Ênfase do próprio autor.

²⁰⁶ OLYOTT, Op. Cit., pp. 16-17.

²⁰⁷ ANGLADA, Op. Cit., p. 31.

²⁰⁸ OLYOTT, Op. Cit., p. 18.

²⁰⁹ MOHLER, Op. Cit., p. 47.

seus mais difíceis períodos da história, no que diz respeito à acolhida do seu padrão de fé e prática: as Sagradas Escrituras”.²¹⁰

Ainda no que toca a igreja, Lloyd-Jones já escreveu: “vivemos numa época em que, não apenas a pregação, mas também a existência da própria igreja está sendo contestada”.²¹¹ É evidente que são mais diversos os fatores que conduziram homens de Deus como estes a abrirem seus corações para mostrar o deplorável momento que a igreja evangélica contemporânea enfrenta. Entretanto, talvez a mais notável razão para esse quadro entristecedor, seja o declínio da pregação em muitas chamadas igrejas evangélicas, que por sua vez é causado pelo distanciamento das Escrituras Sagradas, já que “muitas igrejas abandonaram a suficiência da Escritura e a substituíram por doutrinas erradas”.²¹² Quando as Escrituras deixam de ter a primazia na pregação, certamente o passo seguinte será o declínio. Por outro lado, quando há fidelidade às Escrituras na pregação, certamente ocorrerá fortificação, fortalecimento e crescimento saudável na igreja.²¹³ Assim, cabe aqui frisar-se alguns requisitos que são tão indispensáveis quanto inegociáveis para o púlpito evangélico, pois, “como já temos a Palavra, devemos [...] procurar atentar com cuidado para a Palavra de Deus a fim de que possamos dar lugar [...] ao perfeito conhecimento de Deus”.²¹⁴

3.3.1 A autoridade das Escrituras na pregação expositiva

A autoridade das Escrituras é algo essencial para que uma pregação seja digna de ser considerada bíblica. Sobre essa centralidade Larsen alude que “antes de discutir a maneira de pregar a Palavra de Deus devemos nos concentrar na natureza da palavra e em sua autoridade”.²¹⁵ No entanto, sabe-se que há momentos de completa aversão a qualquer tipo de autoridade. Nas palavras de Costa, “vivemos numa sociedade na qual as pessoas têm reagido, cada vez mais, negativamente à autoridade”.²¹⁶ Sobre essa repulsa Larsen esclarece que

²¹⁰ ANGLADA, Paulo Roberto Batista. *Sola Scriptura – A Doutrina Reformada das Escrituras*. 2 ed. Ananindeua: Knox Publicações, 2013, p. 7. Prefaciada por Solano Portela.

²¹¹ LLOYD-JONES, Op. Cit., p. 17.

²¹² LOPES, Op. Cit., p. 83.

²¹³ Id. Ibid., pp. 70-71.

²¹⁴ SILVA, Op. Cit., p. 97.

²¹⁵ LARSEN Op. Cit., p. 20.

²¹⁶ COSTA, José Carlos de L. Costa. *Propedêutica*. Belém – PA. Fatebe, 2010, p. 38. Apostila não publicada, produzida para a disciplina de Propedêutica Bíblica, do curso de Bacharel em Teologia pela Faculdade Teológica Batista Equatorial.

Os homens e as mulheres da era moderna se rebelam contra as autoridades tradicionais que lhes são impostas. A ideia geral de obediência às ordens e à autoridade sempre foi uma questão difícil para a humanidade decaída, mas, no clima igualitário do mundo de hoje, essa noção é, para muitos, simplesmente absurda. Desejamos ser pessoas autônomas, não sujeitas a nenhuma regra superior a nossa autodeterminação. A rebeldia contemporânea pode ser vista em diversos setores como governo, educação, lar e igreja. Isso tem várias implicações para o pregador.²¹⁷

De acordo com o pensamento supra, mais uma vez, pode-se contemplar o quanto o pensamento pós-moderno tem contribuído para a descaracterização da pregação, já que o mesmo sentimento de insubmissão atingiu certamente a prática de expor a Palavra de Deus, e “o clamor por liberdade de pensamento é a onda da nossa época”.²¹⁸ No tocante ao termo autoridade, o Costa realça que “autoridade é o direito ou poder de exigir obediência”.²¹⁹ Aplicado às Escrituras, Grudem alude que “a autoridade das Escrituras significa que todas as palavras nas Escrituras são palavras de Deus, de modo que não crer em alguma palavra da Bíblia ou desobedecer a ela é não crer em Deus ou desobedecer a ele”.²²⁰ Este legado põe muitos pregadores diante de um conflito interno, pois carecem de optar entre a fidelidade às Escrituras ou aos princípios relativistas da sociedade contemporânea, na qual “o pecado distorce a percepção da realidade das pessoas e elas não reconhecem as Escrituras como o que elas realmente são”,²²¹ impedindo que se tornem o padrão autoritativo da pregação e da fé cristã. Assim, “entendemos por autoridade das Escrituras a qualidade peculiar, [...] segundo a qual, como palavra verdadeira de Deus que é, requer, de todos os seres humanos, fé e obediência e persiste como a única fonte de norma de fé e vida”²²², porquanto a inerência de sua autoridade.²²³

Neste ângulo, conforme exhibe Anglada “a pregação é a palavra de Deus porque é entregue em nome de Deus e embaixo da sua autoridade”.²²⁴ Porém, em meio a tanta confusão teológica que vivemos, muitas outras fontes têm sido apresentadas como padrão máximo de autoridade, “usurpando” assim a autoridade que é inerente às próprias Escrituras. Tal atitude tem diluído a pregação nos mais diversos púlpitos evangélicos. Costa cita algumas fontes que competem em matéria de autoridade com a Palavra de Deus, a saber, (1) a razão,

²¹⁷ LARSEN, Op. Cit., pp. 20/21.

²¹⁸ COSTA. *Propedêutica*, Op. Cit., p. 38.

²¹⁹ Ibid. p. 38. *Apud* BRUCE, Milne. *Estudando as doutrinas da Bíblia*. 3 ed. São Paulo: ABU, 1993, p. 15.

²²⁰ GRUDEM, Wayne A. *Teologia Sistemática*. Td. Norio Yamakami, Luci Yamakami, Luiz A. T. Sayão, Eduardo Pereira e Ferreira. São Paulo: Vida Nova, 1999, p.44.

²²¹ GRUDEM, Op. Cit., p. 50.

²²² MUELLER, John Theodore. *Dogmática Cristã*. Td. Martinho L. Hasse. 4 ed. Porto Alegre: Concórdia, 2004, p. 131.

²²³ ANGLADA, 2013, Op. Cit., p. 78.

²²⁴ Ibid., p. 61

(2) a igreja, (3) os credos, (4) as experiências pessoais.²²⁵ De fato, são diversas as coisas que têm substituído à primazia das Escrituras na pregação, e isso tem fundido danos quase que irreparáveis em diversos púlpitos contemporâneos. São muitos os pregadores que estão descentralizando a autoridade das Escrituras e isso “tem provocado um efeito lamentável sobre a pregação”.²²⁶ Falando sobre a perda da suprema autoridade da Bíblia na pregação, Larsen destaca que “a Bíblia tem sido oferecida à igreja de uma maneira que a tem privado da própria Bíblia, gerando uma fome de ouvir as palavras do Senhor”.²²⁷

Visto por esta óptica, não há como negar que, lamentavelmente, muitos púlpitos evangélicos afogaram-se na onda da pós-modernidade e, tristemente, outros caminham na mesma direção. É preciso, entretanto, cientificar-se de que “quanto maior o domínio do pensamento pós-moderno sobre a igreja, mais fraca e menos relevante ela se mostrará aos olhos do mundo”²²⁸ visto que, “o efeito da moderna demolição da autoridade das Escrituras tem sido catastrófico”.²²⁹ Por outro lado, vale a ênfase de Anglada ao destacar que “enquanto a pregação refletir fielmente a Palavra de Deus, ela tem a mesma autoridade e requer dos ouvintes a mesma obediência”.²³⁰ Por conseguinte, “nossa atitude em relação às Escrituras é importante se quisermos encarar a pregação genuinamente bíblica com confiança na coerência e na natureza não contraditória do texto bíblico”.²³¹ Vale concluir este ponto, com a grafia de Hodge, que atesta que “a autoridade da Sagrada Escritura, pela qual ela deve ser crida e obedecida, não depende do testemunho de qualquer homem ou igreja, mas única e totalmente de Deus [...], que é seu autor e tem, por isso de ser recebida, porque é a Palavra de Deus”.²³²

3.3.2 A Suficiência das escrituras na pregação expositiva

Eis outro fator relevante. As Escrituras, não apenas são autoritárias, mas também suficientes na pregação e vida da igreja cristã, pois “a Bíblia é o registro da revelação que Deus faz de si mesmo aos homens”.²³³ Sobre este axioma, Hodge relata o seguinte:

²²⁵ COSTA, *Propedêutica*, Op. Cit., pp. 38/39.

²²⁶ LARSEN, Op. Cit., p. 23.

²²⁷ *Ibid.*, p. 23. *Apud* J. I. Packer. New York. Oxford University Press, 1986.

²²⁸ SWINDOLL, Charles. *A Igreja Desviada: um chamado urgente para uma nova reforma*. Td. Vanderlei Ortigoza. São Paulo: Mundo Cristão, 2012, p. 12.

²²⁹ LARSEN, Op. Cit., p. 23.

²³⁰ ANGLADA, 2013, pp. 61-62.

²³¹ LARSEN, Op. Cit., p.25.

²³² HODGE, HODGE, A. A. *Confissão de fé Westminster comentada*. Valter Graciano Martins. São Paulo: Os Puritanos, 1999, p. 61.

²³³ LANDERS, John. *Teologia dos Princípios Batistas*. 3 ed. Rio de Janeiro: Juerp, 1994, p. 22.

Todo o conselho de Deus concernente a todas as coisas necessárias para glória Dele e para a salvação, fé e vida do homem, ou é expressamente declarado na Escritura ou pode ser lógica e claramente deduzido dela. À escritura nada se acrescentará em tempo algum, nem por novas revelações do Espírito, nem por tradições dos homens; reconhecemos, entretanto, ser necessária a íntima iluminação do Espírito de Deus para a salvadora compreensão das coisas reveladas na Palavra e que há algumas circunstâncias, quanto ao culto de Deus e ao governo da igreja, comuns às ações das sociedades humanas, as quais têm de ser ordenadas pela luz da natureza e pela prudência cristã, segundo as regras da Palavra, que sempre devem ser observadas.²³⁴

Destarte este postulado tão claro, a máxima da suficiência das escrituras já foi substituída nos mais diferentes púlpitos evangélicos e, sempre que tal verdade é atacada a pregação é descaracterizada, visto que a perda de confiança nas Escrituras tem sérias implicações na pregação.²³⁵ Preocupante é a verdade de que muitos ditos pregadores deixaram de reverenciar a Bíblia como fonte suficiente para suas mensagens e estão sacrificando as Escrituras pelo sucesso ministerial e eclesiástico. Com isso, “um elemento de incerteza e dubiedade tem se infiltrado lentamente na maneira pela qual as Escrituras devem ser consideradas e reverenciadas e isto tem tido profundo impacto na [...] pregação”.²³⁶ Sobre este impacto, Mohler diz que “estas últimas décadas têm sido um período de experimentação audaciosa em muitos púlpitos. Uma das consequências mais preocupantes é o declínio e eclipse da pregação expositiva”.²³⁷ Ainda sobre a suficiência das Escrituras a obra de Anglada ressalta que

Em nosso esquecimento dessa doutrina, vemos a igreja se afundando em um evangelho humanista, diluído, horizontalizado e que contribui para confundir a mensagem cristalina do evangelho, que deveria estar sendo proclamada [...]. Aqui, a suficiência das Escrituras é uma doutrina desprezada. Ela é frequentemente superada pelas supostas “novas revelações” que passam a ser determinantes das doutrinas e do caminhar do povo de Deus.²³⁸

Conforme a mesma obra, tal cenário anormal é fruto de um pensar cético das Escrituras e emana de dentro do próprio meio evangélico. Isso ocorre sempre que se ataca a Bíblia como norma suficiente de fé e prática.²³⁹ Sobre este fato, Washer declara que “o primeiro erro que afeta muitas igrejas em nossos dias, é uma negação prática da suficiência da

²³⁴ HODGE, Op. Cit., p. 64.

²³⁵ LARSEN, Op. Cit., p. 25.

²³⁶ Ibid. p. 26.

²³⁷ MOHLER, Op. Cit., p. 22.

²³⁸ ANGLADA, 2013, Op. Cit., p. 8. Prefaciada por Solano Portela.

²³⁹ Ibid., p. 8.

Escritura”.²⁴⁰ Deste modo, sem sombra de dúvida, não tratar as Escrituras como suficientes para a pregação é o mesmo que conduzi-la ao fracasso, dado que, a preleção bíblica é a aplicação do que a Bíblia ensina.²⁴¹ Esta é a proclamação correta e reverente dos seus ensinamentos.²⁴² Haja vista, o que precisamos é de pregadores com a forte convicção da suficiência da Palavra de Deus e que sua pregação “nasça diretamente das Escrituras ao invés de simplesmente conformar-se a algum sistema popular de teologia”,²⁴³ porquanto “a Bíblia é a escola do Espírito Santo em que o homem aprende tudo que é necessário e prático para ter uma vida abundante”.²⁴⁴

Desta feita, não se deve conformar com o evangelicalismo contemporâneo, que tem deixado de lado as doutrinas fundamentais da Palavra revelada de Deus e corrido em busca das novidades evangélicas do momento, manifestando assim “uma crescente incredulidade nas Escrituras como regra de fé e prática”.²⁴⁵ Os pregadores “não devem procurar uma experiência com Deus que transcenda a sua Palavra”.²⁴⁶ Os púlpitos hodiernos não precisam mergulhar no pragmatismo em busca de inovações, mas retornar e crer nas Escrituras como suficientes para conduzir a Igreja de Cristo, visto que,

Vivemos dias em que o conteúdo da pregação em muitos púlpitos evangélicos consiste predominantemente de promessas de cura e prosperidade, de temas políticos e sociais, exortações éticas e morais, especulação filosófica, propaganda ativista, e dons espirituais; e se centraliza no homem, em suas necessidades e conflitos psicológicos, existenciais.²⁴⁷

No mesmo pensamento supra, Lopes atesta que hodiernamente muitos pregadores, distanciando-se das Escrituras, “estão oferecendo palha ao povo, em vez do pão vivo” e, complementa declarando que, “quando a igreja se esquece da suficiência da Escritura, ela busca novidade espiritual para preencher o espaço”.²⁴⁸ Não se precisa de inovações, antes de mais da Palavra de Deus nas pregações. É preciso elevar-se a voz contra a “filosofia que relega a Deus e à sua Palavra um papel secundário na igreja”.²⁴⁹ Assim, ter-se-á a plena

²⁴⁰ WESHER, Paul. *10 acusações contra a igreja moderna*. Td. Francisco Wellington Ferreira. São Paulo: Fiel, 2011, p. 15.

²⁴¹ LARSEN. Op. cit., p.28.

²⁴² Ibid. p. 28.

²⁴³ MACARTHUR, John. *O Evangelho Segundo Jesus*. São Paulo: 2 ed. Fiel, 2010, p. 19.

²⁴⁴ LOPES, Op. Cit., p. 72. Conferir também 2 Timóteo 3:14-17.

²⁴⁵ ANGLADA, 2013, Op. Cit., p. 90.

²⁴⁶ LOPES, Op. Cit., p. 73.

²⁴⁷ ANGLADA, 2005, Op. Cit., p. 115.

²⁴⁸ LOPES, Op. Cit., p. 85.

²⁴⁹ MACARTHUR, 1997, Op. Cit., p. 14.

convicção de que a cura para os males da igreja contemporânea encontra-se unicamente nas Escrituras, e alegar que a Bíblia não é suficiente para tal realização é atacar a sabedoria e integridade do próprio Deus.²⁵⁰ Então conclui-se afirmando que as Escrituras são claramente suficientes à todas as necessidades dos homens e comunidades cristãs contemporâneas. “Os pregadores não podem deixar de reconhecer que a Bíblia contém tudo quanto o pregador necessita em seu ofício de transmissor da Palavra de Deus”.²⁵¹

3.3.3 A inerrância das Escrituras na pregação expositiva

Lopes refere-se assim à inerrância das escrituras: “embora a palavra de Deus tenha mais de três mil anos, ela é mais atual e confiável do que o jornal diário. Sua mensagem nunca fica antiquada, seu conteúdo nunca muda. A Bíblia é infalível”.²⁵² Certamente, por em questão a inerrância das Escrituras é colocar em crédito a integridade do próprio Deus, pois elas emanaram diretamente de suas mãos. Visto a importância do assunto busca-se neste momento lavrar poucas linhas sobre a inerrância das Escrituras, visto que, “basta uma leitura superficial da literatura sobre o assunto para que se perceba a necessidade de uma definição clara e exata do tema”.²⁵³

Inicialmente, vale ressaltar a palavra de Geisler ao falar sobre a inerrância das Escrituras. Segundo o autor “apesar de ser uma implicação lógica, a doutrina da inerrância não é diretamente ensinada nas Escrituras. Duas coisas, entretanto, são diretamente ensinadas: (1) que a Bíblia é a Palavra de Deus; (2) que Deus não pode errar (Hb 6:18; Tt 1:2; Rm 3:4)”.²⁵⁴ Segundo Costa, em sua obra Propedêutica, “inerrância é a garantia de que tudo que a Bíblia afirma está efetivamente livre de erros” e prossegue afirmando que “a doutrina da inerrância está baseada no caráter de Deus”.²⁵⁵ Também Grudem, em sua teologia sistemática alega que “a Bíblia ensina claramente que Deus não pode mentir nem falar com falsidade [...]. Assim, todas as palavras nas Escrituras são declaradas completamente verdadeiras e

²⁵⁰ MACARTHUR, 2008, Op. Cit., p. 23.

²⁵¹ VALADARES, Samuel. *Chamados para Pregar*. São Paulo: Ágape, 2011, p 45.

²⁵² LOPES, Op. Cit., p. 76.

²⁵³ GEISLER, Norman. *A Inerrância da Bíblia: uma sólida defesa da infalibilidade das Escrituras*. Tr. Antivan Mendes. São Paulo: Vida, 2001, p. 317.

²⁵⁴ GEISLER, Norman. *Teologia Sistemática: uma introdução à Teologia, à Bíblia, Deus, a Criação*. Tr. Marcelo Gonalves e Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 2010, p.

²⁵⁵ COSTA, Op. Cit., 35.

destituídas de erros, qualquer que seja o trecho [...] As palavras de Deus são, de fato, o padrão máximo da verdade”.²⁵⁶

Tendo-se ciência de que tais verdades sobre as Escrituras são fundamentalmente importante para a pregação, já que elas são o crivo pelo qual toda pregação deve ser julgada. Desta feita, Grudem define a doutrina da inerrância bíblica da seguinte forma: “por inerrância das Escrituras entende-se que as Escrituras nos seus manuscritos originais não afirmam nada contrário aos fatos”.²⁵⁷ Nesse sentido Anglada destaca que “é sem dúvida surpreendente que um livro com as características das Escrituras, que trata de assuntos tão variados e profundos, não contenha erros”.²⁵⁸ Ou o pregador contemporâneo crê até à morte nesse fato ou sua pregação estará destinada ao fracasso, segundo o olhar divino, pois a verdadeira pregação

Revela o propósito de Deus aos homens, transmite graça, sabedoria, poder e vida. Por essa razão, ela é, para o mundo da consciência, um sopro de vida. Quando ela diminui, o povo perece por falta de visão e do conhecimento de Deus, quando desaparece, as trevas cobrem os corações e as almas se perdem, por falta de luz, de verdade, as trevas substituem a luz, o mal, o bem o pecado, a santidade, a morte a vida, a incredulidade, a fé, o ódio, o amor a vingança, o perdão.²⁵⁹

3.4 A PRIMAZIA DE CRISTO NA PREGAÇÃO EXPOSITIVA

Eis outro fundamento indispensável à pregação expositiva. Pelo que foi exposto até aqui, contempla-se uma crise catastrófica nos mais diferentes púlpitos evangélicos contemporâneos, onde muitas coisas, no mínimo estranhas, têm sido chamadas de pregação. De fato, vive-se numa guerra pela verdade e, conforme supracitado, o único meio de sair-se triunfante é retornando às Escrituras, a fim de que Ela seja a voz de Deus em meio a uma sociedade que é inerentemente relativista com respeito à verdade.²⁶⁰ É necessário retornar-se à Palavra de Deus, pois “defender a ambiguidade, exaltar a incerteza ou de outro modo, anuviar a verdade é um modo pecaminoso de nutrir a incredulidade”.²⁶¹

É preciso compreender-se que as Escrituras não apenas norteiam a integridade da pregação, mas também apresentam o conteúdo da pregação, que é Cristo Jesus. Em outras

²⁵⁶ GRUDEM, Op. Cit., p. 58.

²⁵⁷ Ibid. p. 58. Para uma compreensão mais profunda, tais como protestos à doutrina da inerrância e as devidas respostas, como também fidedignidade nos discursos nas traduções do original ver as páginas 58 a 69.

²⁵⁸ ANGLADA, 2005 Op. Cit., p. 85.

²⁵⁹ VALADARES, Op. Cit., p. 44

²⁶⁰ MACARTHUR, 2008, Op. Cit., p. 41

²⁶¹ Ibid., p. 11.

palavras, a pregação contemporânea carece ser cristocêntrica e não antropocêntrica como ocorre em muitos casos. Inúmeros púlpitos “evangélicos estão obcecados pela cultura popular²⁶² e a imitam fanaticamente”²⁶³ e nessa corrida desenfreada, Cristo foi posto de lado, para dar lugar aos interesses pragmáticos do momento, mas como as Escrituras são a fonte para a pregação expositiva, Cristo deve ser o seu conteúdo central.

3.4.1 A centralidade de Cristo na pregação

Pode-se alegar que o maior impulso para o dismantelamento de inúmeros púlpitos contemporâneos, é a rejeição de Cristo Jesus como centro de suas pregações, o que resultou na desconstrução da pregação hodierna, que deixou de visualizar “Jesus Cristo como o centro das Escrituras”.²⁶⁴ Aqui vale destacar a citação lavrada por Lopes:

Charles Spurgeon, ao dar orientação a seus alunos, disse: de tudo que gostaria de dizer este é o resumo: meus irmãos, preguem Cristo, sempre e sempre. Ele é todo o evangelho. Sua pessoa, seus ofícios e obras devem ser um tema grande e abrangente. Ainda precisamos contar ao mundo sobre o Salvador e sobre o caminho para chegar até ele. [...] A salvação é um tema pelo qual eu desejaria angariar toda língua santa. Sou ávido por testemunhas do evangelho glorioso do Deus bendito. Que Cristo crucificado seja o fardo universal dos homens de Deus.²⁶⁵

Assim, a pregação para ser bíblica tem que ser essencialmente cristocêntrica,²⁶⁶ pois “no coração da pregação está a clara e consistente proclamação da obra da graça de Deus em Cristo”.²⁶⁷ Anglada alude ainda, referindo-se aos reformadores, que “uma das características mais distintivas da pregação reformada, diz respeito ao seu conteúdo bíblico e cristocêntrico”.²⁶⁸ Sobre a responsabilidade do pregador em anunciar Cristo como mensagem de Deus ao homem contemporâneo, Stott escreve que há “pregadores que são inteiramente fiéis na sua exposição da Palavra de Deus, mas permanecem desinteressantes e acadêmicos porque se esqueceram que o âmago da Bíblia não é aquilo que Deus tem dito, mas aquilo que ele tem feito através de Jesus Cristo para nossa salvação”.²⁶⁹ Assim relata Anglada a respeito da estima de Cristo no ministério de Calvino: “A Escritura Sagrada tem seu princípio

²⁶² Para uma boa análise da relação entre Cristo e Cultura ver: CARSON, D. A. *Cristo e Cultura: uma releitura*. Tr. Marcio Loureiro Redondo. São Paulo: Vida Nova, 2012.

²⁶³ MACARTHUR, 2008, Op. Cit., p. 182.

²⁶⁴ LOPES, Op. Cit., p. 113.

²⁶⁵ Ibid., p. 111. *Apud* Stott 1999, pp. 151-152.

²⁶⁶ ANGLADA, 2005, Op. Cit., p. 123.

²⁶⁷ Ibid., p. 123. *Apud*: De Jong. *Preaching and the Synod of Dort*, p. 26.

²⁶⁸ ANGLADA, Op. Cit., p. 115.

²⁶⁹ STOTT, Op. Cit., pp. 105-106.

organizador na revelação de Cristo e tem como propósito principal habilitar-nos a nos apropriarmos da graça vivificadora de Cristo. As Escrituras devem ser lidas com o propósito de encontrar Cristo nelas”.²⁷⁰

Nesta mesma ênfase, Carson alude que “temos que focalizar-nos conscientemente no que é central – o evangelho de Jesus Cristo. Isso significa que se tem de decidir nada saber se não a Jesus Cristo e este crucificado. Isso moldará a visão de ministério e a compreensão da centralidade do evangelho”.²⁷¹ Nesse momento, embora longa, vale alinhar a citação feita por Lopes:

A palavra escrita concentra sua atenção em Jesus. Ele é a semente da mulher que esmagará a cabeça da serpente. É a arca para resgatar o povo de Deus. É o anjo de Javé. É a semente de Abraão em que todas as famílias da terra serão abençoadas. É o Cordeiro pascal. É profeta maior que Moisés. É a coluna de fogo no deserto. É a rocha ferida por Moisés. É o herdeiro do trono de Davi. É o Senhor três vezes santo de Isaias 6. É o pastor maior de Ezequiel 34. É o filho de Maria, o inimigo de Herodes e a alegria de Simeão. É o menino de doze anos no templo e o filho amado para ser batizado. É aquele que cura os cegos, alimenta os famintos e é o amigo dos rejeitados. É o novo templo, a fonte da água viva, o maná que dá vida, a luz do mundo, a ressurreição e a vida e a videira verdadeira do Pai. É o cordeiro de Deus imaculado que tira o pecado do mundo e o leão ressurreto da tribo de Judá. É o Senhor que subiu aos céus, o governante da igreja e o juiz de todos os homens que voltará. A sagrada Escritura é o instrumento pelo qual o Espírito do Deus vivo glorifica Jesus Cristo.²⁷²

A citação acima realça, de forma clara, qual deve ser o lugar de Cristo na pregação hodierna. Porém, no anúncio da verdade proposta pela pós-modernidade “descobrimos eventualmente que o pão que estamos oferecendo ao povo falta o fermento da vida, falta o sabor do sagrado, falta, enfim, exatamente os ingredientes que as multidões espiritualmente famintas necessitam”.²⁷³ Falta Cristo crucificado. O pregador começa a temer que o evangelho não esteja relevante ao homem moderno e, ao tentar moldar a mensagem ao gosto da sociedade pós-moderna, cai facilmente no liberalismo teológico²⁷⁴ e deixa de pregar o que a Bíblia de fato diz.²⁷⁵ Entretanto, é necessário batalhar-se pelo resgate da pregação cristocêntrica em nossos púlpitos, pois “Ele viveu sem pecado. Ele cumpriu a lei por nós e

²⁷⁰ ANGLADA 2005, Op. Cit., p. 124.

²⁷¹ CARSON, D. A. *A Cruz de Cristo e o Ministério Cristão: Lições sobre liderança baseada em 1 Coríntios*. Tr. Francisco Wellington Ferreira. São Paulo: Fiel, 2009, p. 12.

²⁷² LOPES, Op. Cit., pp. 113-114. *Apud* AZURDIA III, Arturo G. *Spirit Empowered Preaching: involving the Holy Spirit in Your Ministry*. Fearn, Great Britain: Mentor, 1998, p. 62.

²⁷³ THROUP, Op. Cit., p. 15.

²⁷⁴ Para uma boa análise do Liberalismo Teológico, ver MACHEN, John Gresham. *Cristianismo e liberalismo*. Td. Caio Cesar Dias Peres. São Paulo: Shedd Publicações, 2012.

²⁷⁵ THROUP, Op. Cit., p. 16.

morreu para pagar nossas dívidas. [...] Jesus é também o centro da Escritura. Jesus é a Palavra que se tornou carne, revelada na Palavra escrita de Deus”.²⁷⁶ Ele é o Cristo crucificado!

3.4.2 A centralidade da cruz na pregação expositiva²⁷⁷

Não há como desassociar Cristo de sua morte na cruz. Assim, a pregação expositiva não é apenas proclamar a Cristo, mas a este crucificado.²⁷⁸ Assistido nas palavras de Montgomery, “qualquer evangelho que proclama o amor de Deus, sem ressaltar que o seu amor o levou a pagar, na pessoa de seu filho, *na cruz*,²⁷⁹ o preço final pelos nossos pecados é um falso evangelho”.²⁸⁰ Quanto ao lugar da cruz na pregação cristã, Stott alude “que os cristãos evangélicos creem que em Cristo e através do Cristo *crucificado*,²⁸¹ Deus substituiu a si mesmo por nós e levou os nossos pecados, morrendo em nosso lugar a morte que merecíamos morrer, a fim de que pudéssemos ser restaurados em seu favor e adotados em sua família”.²⁸² Todavia, quando se olha para alguns púlpitos contemporâneos, não se vê a teologia da cruz impregnada em suas pregações, mas um distanciamento desacerbado do calvário que transparece que “a Bíblia tornou-se uma referência secundária para muitos”.²⁸³ O que tais pregadores não se dão conta é que “sua morte se encontrava no centro de sua missão”,²⁸⁴ e que a cruz foi o objeto escolhido por Deus para tal feito. Sobre isto Carson esclarece que nada pode substituir a cruz no ministério cristão. Veja o que ele afirma:

A cruz estabelece não somente o que devemos pregar, mas também a maneira como pregamos. Ela prescreve o que os líderes cristãos têm de ser e como devem ser vistos pelos membros das igrejas. A cruz nos diz como servir e nos atrai a prosseguir no discipulado, até que entendamos o que significa ser cristãos.²⁸⁵

Porém, uma coisa é certa: esta não é a mensagem que agrada a muitos. Na verdade, em determinadas igrejas a teologia da cruz aparenta ter-se perdido, ou no mínimo, substituída por práticas estranhas às Escrituras, que “tem sido centrada no homem e não em Deus,

²⁷⁶ LOPES, Op. Cit., p. 113.

²⁷⁷ Para uma excelente explanação sobre a cruz de Cristo ver: STOTT, John. *A Cruz de Cristo*. Tr. João Batista. São Paulo: Vida, 2006.

²⁷⁸ Ver por exemplo a ênfase de Paulo em 1 Coríntios 1.18:25.

²⁷⁹ Ênfase nossa.

²⁸⁰ MONTGOMERY, James Boyce. *A centralidade da Cruz*. Revista fé para hoje. Revista da Editora Fiel da Missão Evangélica Literária, São Paulo, nº 8, p 7.

²⁸¹ Ênfase nossa.

²⁸² STOTT, John. *A Cruz de Cristo*. Tr. João Batista. São Paulo: Vida, 2006, p. 7.

²⁸³ CARSSON, 2009, Op. Cit., p, 9.

²⁸⁴ *Ibid.*, p. 16.

²⁸⁵ CARSON, 2009, Op. Cit., p. 11.

oferecendo-lhe conforto imediato em vez de salvação eterna. *Porem*,²⁸⁶ este discurso atrai multidões, enaltece o pregador, mas não glorifica a Deus nem despovoava o inferno”,²⁸⁷ já que tais mensagens têm ocultado a cruz de Cristo e sua mensagem redentora. Desta feita, a cruz representa para o cristianismo a obra salvífica de Deus por intermédio de seu filho. Sobre a cruz como símbolo da fé cristã, Stott alinha que “todas as religiões e ideologia têm seu símbolo visual, que exemplifica um aspecto de sua história ou crença. [...] O cristianismo, não é exceção quanto a possuir um símbolo visual”.²⁸⁸ Já sobre a prática da crucificação o mesmo autor tece o seguinte:

Primeiro, o prisioneiro era despido e humilhado publicamente. A seguir era forçado a deitar-se de costas no chão, suas mãos eram pregadas ou atadas ao braço horizontal da cruz, e seu pés ao poste vertical. Então a cruz era erguida e jogada num buraco escavado para ela no chão. Em geral, providenciava-se um pino ou assento rudimentar a fim de receber um pouco do peso do corpo da vítima para que não se rasgasse e caísse. Aí ficava o crucificado pendurado, exposto à intensa dor física, ao ridículo do povo, ao calor do dia e ao frio da noite. A tortura durava vários dias.²⁸⁹

Desta forma, a despeito da horrenda e vergonhosa morte, pois somente criminosos eram submetidos a este ato cruel,²⁹⁰ e “à parte da tortura perversa infligida àqueles que eram executados por crucificação, as associações culturais traziam à mente imagens de maldade, corrupção e rejeição profunda. Foi na cruz que Cristo enfrentou a morte, e todo pregador que se preze deve pôr esta mensagem como crucial em seu sermão”.²⁹¹ Ou dizendo de outra forma, “se a morte de Cristo é o verdadeiro significado de sua encarnação, não existe evangelho sem cruz”.²⁹² Assim, para que a pregação expositiva seja relevante e sirva aos propósitos divinos, ela tem que levar em conta não apenas o anunciar a Cristo, mas a este Crucificado, sabendo, porém que,

O mundo ficará frustrado com o que pregamos, porque a cruz destrói a autossuficiência humana e sabedoria mundana. Os pregadores cristãos sempre labutarão sob a tentação de pregar uma mensagem que será aclamada pelo mundo como inteligente, sábia e erudita. Ter como alvo esse tipo de aplauso mundano implica esvaziar a cruz de seu poder.²⁹³

²⁸⁶ Grifo nosso.

²⁸⁷ THROUP, Op. Cit., p. 7.

²⁸⁸ STOTT, 2009, Op. Cit., p. 17-18. Para um estudo mais apurado ver pp. 17 a 47.

²⁸⁹ Ibid. p. 16.

²⁹⁰ WIERSBE, W. Warren. Comentário expositivo do novo testamento: 1 Coríntios. Td. Susana E. Klassen. Santo André, SP: Geográfica, 2007, p. 745.

²⁹¹ CARSON, 2009, Op. Cit., p. 15.

²⁹² MONTGOMERY, Op. cit., p. 7.

²⁹³ MOHLER, Op. Cit., p. 52.

4. A PREGAÇÃO EXPOSITIVA E A IGREJA CONTEMPORÂNEA

Falar sobre o contexto evangélico contemporâneo não é nada fácil, e tentar situar a importância da pregação expositiva para os púlpitos atuais pode parecer uma tarefa impossível de ser cumprida, visto que, hodiernamente,

O ser humano se tem alçado ao posto da razão da existência da igreja, isto é, a igreja está voltada quase que exclusivamente para o homem e seus interesses. A própria finalidade primordial das ações da igreja, tem sido modificada. A glória declarativa de Cristo, que deveria ser a finalidade primordial de qualquer ação da igreja, tem cedido lugar à busca da satisfação das necessidades pessoais.²⁹⁴

É evidente que não se usa o termo igreja de forma generalizada, todavia, em *incontáveis* casos, essa é a lamentável realidade. Inúmeras igrejas vivem de forma antropocêntrica e não cristocêntrica. Tendo em vista a referida realidade segue-se algo a respeito da relevância da pregação expositiva para a igreja evangélica contemporânea. Primeiramente se se destacará os principais métodos de pregações usados na atualidade, destacando-se a primazia do expositivo. Em seguida, serão tecidas algumas ponderações sobre a importância da pregação expositiva para o crescimento saudável da igreja. Ainda será mencionado algo a respeito da relevância da pregação expositiva na vida doutrinária da igreja, situando-a como ferramenta eficaz para uma igreja saudável.

Ainda, que de forma breve, foram alinhadas algumas ponderações sobre pregação expositiva e a vida pessoal do pregador, no intuito ao destaque na coerência que deve haver entre o discurso e prática do expositor das Escrituras.

4.1 A PRIMAZIA DA PREGAÇÃO EXPOSITIVA NA IGREJA CONTEMPORÂNEA

Este tópico será iniciado destacando-se a apreciação que a obra de Throup faz da relevância da pregação na igreja: “a pregação fiel das Escrituras é a maior tarefa da igreja e a maior necessidade do mundo. [...]. Nada pode substituir a pregação. Ela deve ter sempre a

²⁹⁴ SOUSA, Op. Cit., p. 15.

primazia”.²⁹⁵ Argumentou-se até aqui que a maneira mais eficaz e relevante de proclamar a voz de Deus é através da pregação expositiva, todavia, há também outros modelos de pregação utilizados na igreja contemporânea. De forma breve alistou-se os principais, entre estes o expositivo, quando se fará alguns argumentos a favor deste, com o fim de realçar sua primazia para a vida da igreja.

4.1.1 Pregação temática ou tópica

Throup declara que sermão temático “é aquele que apresenta um tema específico – doutrinário ou contemporâneo – e procura abordar e esclarecê-lo sistematicamente à luz do ensino das Escrituras”.²⁹⁶ Costa define sermão temático como sendo “aquele no qual suas divisões principais são baseadas em um tema ou assunto e não em um texto bíblico”²⁹⁷. James Braga, de forma simples e direta afirma que “sermão temático é aquele cujas divisões principais derivam do tema, independentemente do texto”.²⁹⁸ Embora, conforme as definições supracitadas, a pregação temática não nasça diretamente de um texto bíblico. Costa esclarece que,

É lógico que o sermão temático usa textos bíblicos, mas estes textos são escolhidos de acordo com o tema que o pregador já tem em mãos. No sermão temático, o pregador desenvolve os pontos e subpontos a partir do tema que possui e escolhe texto que apoiem ou comprovem suas ideias. Assim, embora o sermão temático não seja baseado em um texto bíblico, porém, o tema deve ser tirado da Bíblia.²⁹⁹

Quanto ao fato da pregação temática partir de um tema e não de um texto bíblico específico, Throup alude que “alguns pregadores e teólogos que advogam o método expositivo, às vezes criticam o sermão temático, afirmando que ele tende a iniciar com as ideias do pregador sobre um dado assunto e que recorre ao texto bíblico somente em um segundo momento, com intuito de justificar as ideias pré-formadas”.³⁰⁰ Porém, na obra de Robinson está aludido que “a pregação temática verdadeiramente bíblica é a transmissão de um conceito bíblico, derivado de diversas passagens relacionadas umas às outras por meio de

²⁹⁵ THROUP Op. Cit., p. 8. Prefaciada por Hernandes Dias Lopes.

²⁹⁶ Ibid. p. 64.

²⁹⁷ COSTA, *Homilética*, Op. Cit., p. 5.

²⁹⁸ BRAGA, James. *Como preparar mensagens bíblicas*. Tr. João Batista. 2 ed. São Paulo: Vida, 2005, p. 19.

²⁹⁹ COSTA, *Homilética*, Op. Cit., pp. 5-6.

³⁰⁰ THROUP. Op. Cit., p. 65.

um tema em comum e por meio de afirmações sobre aquele assunto, que sejam ou paralelas ou progressivas”.³⁰¹ Entretanto, Broadus orienta quanto ao risco de se tornar o sermão temático extremamente pessoal, deixando de buscar os referidos temas nas Escrituras. Em sua fala “o pregador facilmente se interessa em encontrar temas que sejam interessantes e rendam de pronto um bom discurso, em vez de buscar aqueles que têm uma base verdadeiramente cristã e bíblica ou os que se aproximam das necessidades de sua audiência”.³⁰² No mesmo sentido, Costa faz referência ao “perigo de se expressar as ideias e pensamentos do pregador e não do texto bíblico”.³⁰³

Todavia, mesmo com as referidas debilidades, Throup argumenta que “em termos de suas vantagens, quando organizado de forma lógica, o sermão temático é didático e prático”,³⁰⁴ e por sua praticidade torna-se mais fácil de ser elaborado.³⁰⁵ Ainda sobre suas vantagens Throup afirma que “pragmaticamente, mensagens baseadas em tópicos, apresentadas em forma de série, tem certo apelo e o potencial de atrair pessoas à igreja”.³⁰⁶ Porém, o pregador “deve ser alertado, bem de início, contra um uso demasiado exclusivo desse tipo de sermão”.³⁰⁷

Portanto, normalmente o sermão temático busca prender o ouvinte pelo tema. Daí investir-se para encontrar temas chamativos, e buscar permitir que através do texto bíblico o tema possa ser explicado sob diversos ângulos, conforme a organização homilética do pregador. Contudo, o sermão temático precisa ser objetivo em apresentar uma abordagem eficaz do tema proposto.³⁰⁸ Logo, para Lopes “o sermão tópico tem todas as características essenciais do sermão textual ou expositivo, mas não mantém uma ligação analítica com nenhuma passagem definida das Escrituras”.³⁰⁹

4.1.2 Pregação textual

Ao falar sobre esse ponto, James Braga ressalta que “o sermão textual tem um discurso diferente do temático. Neste, iniciamos com um tema; naquele, começamos com um

³⁰¹ ROBINSON, 2009, p. 520.

³⁰² BROADUS, Op. Cit., p. 64.

³⁰³ COSTA, *Homilética*, Op. Cit., p. 6.

³⁰⁴ THROUP Op. Cit., p. 65.

³⁰⁵ COSTA, *Homilética*, Op. Cit., p. 6.

³⁰⁶ THROUP, Op. Cit., p. 65.

³⁰⁷ BROADUS, Op. Cit., p. 64.

³⁰⁸ THROUP, p. 66.

³⁰⁹ LOPES, Op. Cit., p. 137.

texto”.³¹⁰ Seguindo seu raciocínio assim é definida a pregação textual por Braga: “O sermão textual é aquele em que as divisões principais são derivadas de um texto constituído de um breve trecho da Bíblia. Cada uma dessas divisões é usada como linha de sugestão e o texto fornece o tema do sermão”.³¹¹ Costa define esse tipo de pregação como sendo “aquela na qual tanto o tema quanto as divisões principais, derivam de texto relativamente curto, porém os subpontos e os argumentos originam-se de outros textos”.³¹² Quanto a essa forma de explorar o texto bíblico, Broadus esclarece que na pregação textual o pregador tem ampla liberdade quanto a seleção de material e desenvolvimento da mensagem.³¹³ Para Lopes “o sermão textual é essencialmente o mesmo que o expositivo, com a diferença de que emprega uma passagem mais curta das Escrituras, em geral apenas um versículo ou uma ou duas frases”.³¹⁴ Neste momento, vale voltar à grafia de Lopes de que:

Independentemente do estilo [...], a pregação pode ter caráter expositivo, desde que tenha o compromisso de explicar o texto da Escritura, segundo o seu significado histórico, contextual e interpretativo, transmitindo aos ouvintes contemporâneos a clara mensagem da Palavra de Deus com aplicação pertinente. Assim, seria perfeitamente possível classificar a pregação expositiva como pregação expositiva textual, pregação expositiva tópica e pregação expositiva *lectio continua*.³¹⁵

Na visão de Lopes, pregação expositiva não é necessariamente um estilo de pregação, mas, uma filosofia de pregação. No mesmo espírito que Lopes, Braga reporta que “quando as divisões principais e as subdivisões são tiradas do mesmo texto e expostas de maneira estrutural, esse texto é tratado expositivamente”.³¹⁶ Braga reza ainda que “na preparação do sermão textual, uma das primeiras tarefas do pregador, é fazer um estudo completo do texto, descobrir nele a ideia dominante e verificar as divisões principais que dele surgem. Cada divisão transforma-se, pois em uma ampliação ou no desenvolvimento do assunto”.³¹⁷

Em relação à pregação temática, a textual tem vantagem de ser mais centrada na Bíblia, pois “expressa mais as ideias do texto que as ideias do pregador, pelo fato de o tema e as divisões principais provirem do próprio texto”.³¹⁸ Essa abordagem proporciona uma pregação mais fiel aos princípios da Bíblia, ocasionando também melhor compreensão por

³¹⁰ BRAGA, Op. Cit., p. 34.

³¹¹ Ibid. p. 34.

³¹² COSTA, *Homilética*, Op. Cit., p. 07.

³¹³ BROADUS, Op. Cit., p. 62.

³¹⁴ LOPES, Op. Cit., p. 139.

³¹⁵ Ibid., pp. 18-19.

³¹⁶ BRAGA, Op. Cit., p. 39.

³¹⁷ Ibid., p. 39.

³¹⁸ COSTA, *Homilética*, Op. Cit., p. 08.

parte dos ouvintes.³¹⁹ Contudo, a pregação textual incorpora o grande perigo de fazer do pregador um selecionador de textos, tratando apenas de textos preferíveis a seus olhos e comodidade. Ou seja, o pregador pode pregar apenas o que ele quer e evitar aqueles textos que não gosta.³²⁰ Por assim dizer “apesar deste tipo de sermão prender mais o pregador que o anterior, a escolha dos textos que deseja pregar ainda é tarefa que geralmente lhe compete”.

321

4.1.3 Pregação expositiva

Correndo o risco de ser repetitivo grafaram-se aqui mais algumas linhas sobre a pregação expositiva. Referindo-se a pregação expositiva³²² Kaiser argumenta que “o nosso ensinamento e pregação, estão desesperadamente fracos no presente momento na casa da fé em razão de uma escassez de explicações bíblicas verdadeiras”.³²³ Kaiser segue afirmando que “um sermão explicativo [...] toma um parágrafo inteiro no mínimo [...] e permite que o texto bíblico forneça a forma e também o conteúdo da mensagem ou lição do próprio texto”.

³²⁴ Para o mesmo, a pregação expositiva, ou aplicativa, é um dos mais antigos estilos de pregação³²⁵, sendo, desse modo, eficiente de proclamar a voz de Deus à sua igreja, como também de chamar ossos mortos à vida. Para Lachler:

Não é fácil definir sermão expositivo em relação aos tópicos ou textuais. Uma das razões disto é que as definições quase sempre tendem a limitar demais as coisas. Definições restritas não permitem que o assunto seja expandido de forma prática; definições muito amplas não permitem uma concentração exequível.³²⁶

Contudo, mesmo com as devidas reservas, Lachler apresenta uma definição bem abrangente de pregação expositiva, que segundo ele é “a comunicação de um conceito bíblico derivado e transmitido através de um estudo histórico, gramatical e literário de uma passagem em seu contexto, que o Espírito Santo primeiramente aplica à personalidade do pregador e

³¹⁹ Ibid., p. 08.

³²⁰ COSTA, *Homilética*, Op. Cit., p. 08.

³²¹ Ibid., p. 08.

³²² Kaiser Jr usa o vocábulo pregação explicativa invés de pregação expositiva.

³²³ KAISER, Op. Cit., p. 57.

³²⁴ Ibid. pp. 59-60.

³²⁵ KAISER, Op. Cit., p. 60.

³²⁶ LACHLER, Karl. *Prega a palavra. Passos para a pregação expositiva*. Td. Robinson Malkomes. São Paulo: Vida Nova, 1990, p. 45.

depois, através dele, a seus ouvintes”.³²⁷ A fim de tornar a definição supradita mais prática e de alcance a pregadores mais leigos, Lachler a reformula e testifica que pregação expositiva refere-se a “um discurso bíblico derivado de um texto vernacular independente, a partir do qual o tema é revelado, analisado e explicado, através de seu contexto, sua gramática e sua estrutura literária, cujo tema é infundido pelo Espírito Santo na vida do pregador e do ouvinte”.³²⁸

Lopes, de forma simples, lavra que enquanto o sermão tópico é elaborado a partir de um tópico escolhido e o textual a partir de um texto, o expositivo se dá pela análise de uma passagem,³²⁹ e segue afirmando que “a pregação expositiva não é só um estilo de sermão, mas refere-se essencialmente ao conteúdo”.³³⁰ Segundo o mesmo autor “pregação expositiva é pregar a Palavra de Deus, não sobre a Palavra de Deus. O texto da Bíblia é a fonte da mensagem e a autoridade do mensageiro. O texto dirige o sermão”³³¹. Lopes nomeia ainda que na pregação expositiva “o texto governa o pregador” e que “o foco, o conteúdo, as ideias, as divisões e a aplicação do sermão devem ser centrados na passagem bíblica”.³³²

Considerando também a eficácia do sermão expositivo, bem como o papel das Escrituras em sua elaboração, Braga o define como sendo

Aquele em que uma passagem mais ou menos extensa da Escritura é interpretada em função de um tema ou assunto. A maior parte do material desse tipo de sermão provém diretamente da passagem, e o esboço contém uma série de ideias progressivas que giram em torno de uma ideia principal.³³³

Neste momento, talvez seja pertinente ressaltar a diferença entre a pregação textual e a pregação expositiva mencionada por Braga. Ele esclarece:

Na mensagem textual, as divisões oriundas do texto são usadas como linha de sugestão, isto é, indicam a tendência do pensamento a ser seguido no sermão, permitindo que o pregador tire de qualquer parte da Escritura as subdivisões ou ideias para a elaboração do esboço, de acordo com o desenvolvimento lógico dos pensamentos contidos nas divisões principais. O sermão expositivo, por sua vez, obriga o pregador a extrair todas as subdivisões, bem como as divisões principais, da mesma unidade bíblica que pretende expor. Dessa maneira, o sermão todo consiste na exposição de uma passagem bíblica, que se converte no próprio tecido do

³²⁷ Ibid. p. 51. *Apud* Robinson 1983, p. 22.

³²⁸ LACHLER, Op. Cit., p. 52.

³²⁹ LOPES, Op. Cit., p. 137.

³³⁰ Ibid. p. 141.

³³¹ LOPES, Op. Cit., p. 141.

³³² Ibid. p. 141.

³³³ BRAGA, Op. Cit., p. 53.

discurso. Em outras palavras, a argumentação toda provém diretamente do texto, e o sermão torna-se, definitivamente, interpretativo.³³⁴

Salienta-se então que “a pregação expositiva não é apenas um comentário falado sobre determinada passagem da Bíblia. Antes, a ela é aquela pregação que tem como alvo primordial do sermão, aquela verdade salientada em uma passagem específica da Bíblia”.³³⁵ Em suma, na pregação expositiva o pregador é refém do texto bíblico.

4.2 A RELEVÂNCIA DA PREGAÇÃO EXPOSITIVA NA IGREJA CONTEMPORÂNEA

Nas linhas seguintes, será exposto algo em defesa da pregação expositiva como o meio mais relevante de se pregar a Palavra de Deus, sendo assim o mais eficiente para a igreja contemporânea.

Segundo Braga, “o sermão expositivo é o modo mais eficaz de pregação, porque ele forma, com o tempo, mais que todos os outros tipos de mensagem, uma congregação cujo ensino é fundamentado na Bíblia”.³³⁶ No mesmo sentido, Broadus alega que “se pregar é dar voz à Bíblia, se pregar é a proclamação da mensagem de Deus, então parece que o método expositivo seria o mais comumente empregado”.³³⁷ Ao fazer referência sobre a relevância da pregação expositiva, Costa menciona dois fatos extremamente importantes. Primeiramente, afirma que esse é um método eficaz do pregador estudar e interpretar corretamente a Bíblia, o que certamente resultará em maior edificação da igreja. Em seguida, expressa que a pregação expositiva considera o modo como Deus tratou os assuntos alistados em sua Palavra, visto que, ela considera todo o contexto por traz de cada texto.³³⁸

A despeito de sua relevância, este estilo de pregação tem sido o mais desprezado,³³⁹ embora seja uma das maiores necessidades da igreja no momento.³⁴⁰ Segundo Robinson a pregação expositiva sobrevive em um contexto evangélico no qual nem todos estão de acordo que a pregação fiel das escrituras seja a mais urgente necessidade da igreja e em sua escrita, o

³³⁴ Ibid. p. 55.

³³⁵ DEVER, Op. Cit., p. 41.

³³⁶ BRAGA, Op. Cit., p. 53.

³³⁷ BROADUS, Op. Cit., p. 65.

³³⁸ COSTA, *Homilética*, Op. Cit., p 10.

³³⁹ Ibid. p. 65.

³⁴⁰ Ibid. p. 65.

grito “em certos círculos é que a pregação deve ser abandonada”,³⁴¹ visto que outros métodos mais modernizados e sintonizados com o tempo estão a substituir a pregação fiel Escrituras em muitos púlpitos evangélicos.

Fato é também que muito do que se contempla no contexto evangélico contemporâneo, é indigno de ser chamado de pregação bíblica, pois visivelmente é destituído de conteúdo escriturístico, ou, nas palavras de Robinson, “nem todas as súplicas apaixonadas feitas do púlpito, possuem autoridade divina, [...] e não pode legitimamente passar como sendo pregação cristã”.³⁴² Assim, “milhares pregam todos os domingos, mas com resultados insignificantes”, pois, “os perdidos não são salvos e os crentes não são edificados”.³⁴³ Certamente tais púlpitos mergulharam na onda da pós-modernidade, governada por princípios e valores alheios às Escrituras, em que “o homem no púlpito enfrenta a insistente tentação de pregar alguma mensagem que não seja aquela das Escrituras”.³⁴⁴ Logo, o pragmatismo invadiu os mais diversos púlpitos contemporâneos e o estudo comprometido das Escrituras está em baixa em muitas igrejas, o qual tornam seus cultos e pregações cada vez mais antropocêntricos e menos teocêntricos.³⁴⁵

Por conseguinte vê-se a necessidade da pregação expositiva na igreja contemporânea. É inevitavelmente necessário retornar-se às Escrituras como norteadora de nossa pregação, e o caminho mais viável para tal desafio, é o uso da pregação expositiva, pois como já foi dito, esse tipo de pregação é completamente centrado na Palavra de Deus, visto que “Deus fala através da Bíblia”³⁴⁶ que é “a biblioteca do Espírito Santo”.³⁴⁷

Assim, calamitosamente, em muitas igrejas a pregação fiel, que aluda à Palavra de Deus se encontra em estado de cassação, o que conduziu Lopes a afirmar “que o púlpito contemporâneo está em crise”.³⁴⁸ De forma análoga Gomes, referindo-se ao descaso com que alguns pregadores brasileiros pregam a Palavra de Deus reporta, que “com pouquíssimas e honradas exceções, os púlpitos do país, se encontram ocupados por pastores que [...] que não sabem ensinar a Bíblia”.³⁴⁹ Neste mesmo caminho ainda alega-se, “que com toda segurança o cristianismo moderno tem sido superficial quanto à mensagem do evangelho”.³⁵⁰

³⁴¹ ROBINSON, 2002, Op. Cit., p. 17.

³⁴² Ibid. p. 20.

³⁴³ LOPES, Op. Cit., p. 97.

³⁴⁴ ROBINSON, 2002, Op. Cit., p.20.

³⁴⁵ LOPES., Op. Cit., pp. 98-99.

³⁴⁶ ROBINSON, 2002, Op. Cit., p. 20.

³⁴⁷ LOPES, Op. Cit., p.

³⁴⁸ Ibid., p. 99

³⁴⁹ GOMES, Op. Cit., p. 11.

³⁵⁰ Ibid. p. 22.

Neste cenário de crise o que se faz preciso, é atestar e defender a relevância da Bíblia para a pregação contemporânea, porquanto, “Deus resolveu usar sua palavra para criar vida. Esse é o padrão que se vê nas Escrituras e na história. A Palavra de Deus é o seu instrumento escolhido para criar vida”³⁵¹ e a pregação expositiva ocupa primazia em refletir esta Palavra à vida da igreja e somente pregadores verdadeiramente sábios aplicar-se-ão à Palavra de Deus,³⁵² pois “nestes dias Deus está precisando de homens que façam um verdadeiro movimento espiritual apologético em prol da sua Palavra”.³⁵³ De fato, a despeito do desprezo, a pregação expositiva é um meio prepotente de se ouvir o que Deus tem a dizer em sua Palavra.

4.2.1 A pregação expositiva e o crescimento saudável da igreja

Falar sobre crescimento de igreja nos dias atuais pode ser, não apenas desafiador, mas também provocante. Isto porque a eclesiologia das últimas décadas tem sido marcada pelos mais diversos movimentos de crescimentos de igrejas.³⁵⁴ Contudo, há dois grandes riscos quando tocamos no tema crescimento da igreja. Por um lado corre-se o risco de buscar o crescimento a qualquer custo, negociando aquilo que é inegociável, a Palavra de Deus. É o que pode ser chamado de numerolatria, ou seja, o amor aos números faz o pregador perder o amor pela fidelidade à pregação. Nos referidos casos, muitas igrejas “adotaram as leis do mercado e a voz do povo tornou-se a voz de Deus”.³⁵⁵ Cremos que nenhum pregador comprometido com o evangelho de Cristo Jesus almeja esse crescimento para sua igreja. No outro extremo existe o que pode ser chamado de numerofobia. Neste caso, estão pastores e igrejas que têm fobia aos números, que se precaveram de tal forma que foram conduzidos ao erro da acomodação. Todavia, crê-se que é da vontade de Deus que a igreja cresça. “Deus a estabeleceu para crescer”,³⁵⁶ mas que cresça saudavelmente e certificadamente a melhor forma de se alcançar tal proeza é através da exposição fiel da Bíblia Sagrada, por intermédio da pregação expositiva.

³⁵¹ DEVER, Mark. *9 Marcas de uma igreja saudável*. Td. Tiago J. Santos Filho. São Paulo: fiel, 2007, p. 44.

³⁵² GOMES, Op. Cit., p. 42

³⁵³ Ibid., p. 18.

³⁵⁴ Não é nossa intenção fazer menção aos mais diversos movimentos de crescimento de igrejas. Aqui há em mente apenas fomentar um pensar sobre a forma como a Palavra de Deus está sendo mercadejada nos púlpitos contemporâneos, o que tem produzido um crescimento destituído de vida. Porém, para quem deseja uma análise crítica sobre o assunto, bem como seu surgimento ver: LOPES, Hernandes Dias. *Pregação expositiva: sua importância para o crescimento da igreja*. São Paulo: Hagnos, 2008, pp. 210-218.

³⁵⁵ LOPES, Op. Cit., p. 99.

³⁵⁶ MURRAY, Iain. *A igreja: crescimento e sucesso*. Revista fé para hoje. Revista da Editora Fiel da Missão Evangélica Literária, São Paulo, nº 5, p. 17.

Entrementes, de forma deplorável, muitos pregadores estão sendo seduzidos pela sede do crescimento a qualquer custo, tornando-se enamorados de uma cultura relativista e pragmática. De igual gravidade é o mal que essa sede desacerbada está provocando na vida de muitas igrejas, que abandonando os princípios bíblicos, tornaram-se amantes da cultura pós-moderna, abraçando e amando a cada novidade que surge no mercado da fé. Certamente, nos dias atuais, como bem destaca Waldron:

Existe um tipo de cristianismo, supostamente evangélico e fundamental, dedicado a tornar-se bastante agradável e popular, mesmo para frequentadores de igrejas indiferentes e empedernidos, e fiel à sua missão, esse cristianismo desenvolveu uma série de doutrinas que são consistentes apenas em seu efeito comum de remover os incômodos e as exigências do verdadeiro cristianismo, porém, essas novas doutrinas são muito populares e amplamente aceitas.³⁵⁷

Desta feita, em grande medida em alguns círculos evangélicos, o evangelho que é propagado não fala mais que o homem está morto em seus delitos e pecados, como também não anuncia que somente em Cristo esse ser pode ser revivificado, pois Ele é cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo.³⁵⁸ Assim, salvo as honrosas exceções, amargamente avista-se que a pregação contemporânea encontra-se transviada das Escrituras Sagradas. Neste momento nos é pertinente à reflexão que Campos e Santos fomentam quando se referem ao cenário evangélico brasileiro, que diante da notável estatística do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Pesquisa) no ano de 2010 alcançara a proeza dos 22% da população:

Mas se isso é verdade, por que não há a presença maciça de valores cristãos em nossa sociedade? Por que não há a diminuição da corrupção, das injustiças e do “sangue” em nossas páginas policiais? Por que não vivemos uma influência cada vez maior dos princípios cristãos, do amor ao próximo, do respeito às coisas alheias, do menos “eu” e mais “nós”?³⁵⁹

Some-se à voz supracitada, a de Isaac Gonsalves, que ao visualizar o crescimento alarmante da igreja contemporânea, fica atônito com o que estão fazendo com a pregação da Palavra, a ponto de exclamar que o referido contexto é:

Uma pregação baseada em textos bíblicos isolados, e pastores que não ensinam a Palavra [...] e ao invés de aprenderem as Escrituras aprendem técnicas de persuasão, e como consequência eis aí um número de evangélicos sem precedentes na história, evangélicos que desconhecem o evangelho genuíno, não possuem base espiritual,

³⁵⁷ WALDRON, Samuel. *Cristianismo Fácil*. Revista fé para hoje. Revista da Editora Fiel da Missão Evangélica Literária, São Paulo, nº 5, 2000 p. 32.

³⁵⁸ Cf. Efésios 2:1 e João 1:29.

³⁵⁹ CAMPOS; SANTOS, Op. Cit., pp. 52-53.

não tiveram uma experiência de um encontro com o verdadeiro Senhor, não o entregador de bênçãos, mas o Soberano que fere e sara, mata e faz viver.³⁶⁰

Entretanto, no cerne da referida situação encontra-se a figura do pregador, que quando *devidamente* comissionado por Deus, pregará o evangelho da salvação sem negociar os princípios da fé, mas confiando que Deus há de acrescentar aqueles que haverão de ser salvos, proporcionando assim um crescimento saudável para e na igreja de Cristo, visto que a tarefa primordial do pregador não é proporcionar à igreja e aos perdidos uma sopa recheada de temperos culturais, mas expor fielmente a Palavra de Deus.³⁶¹ Dessarte, “o fato de a igreja estar crescendo não significa que ela esteja crescendo saudavelmente”.³⁶²

Para Lopes, a pregação expositiva é o mais eficiente método para proporcionar o crescimento saudável da igreja. Em sua escrita, salienta que “existem outros métodos, mas a pregação expositiva é o mais eficaz para levar as pessoas a Deus e promover o crescimento da igreja”.³⁶³ Para Dever “a primeira marca de uma igreja saudável é a pregação expositiva”.³⁶⁴ Para Lloyd- Jones “não podemos ler a história da igreja, mesmo de forma superficial, sem perceber que a pregação sempre ocupou posição central e predominante na vida da igreja”.³⁶⁵ Logo, “a pregação expositiva foi o principal estilo de pregação dos apóstolos, dos mais famosos pais da igreja, dos reformadores, dos puritanos e dos pregadores mais conhecidos da história cristã”.³⁶⁶ Em concordância com a grafia acima, Valadares defende que “a pregação é fundamental para o crescimento saudável do rebanho”.³⁶⁷

Destarte, fica asseverado que todo crescimento da igreja, precisa ser avaliado a partir de saúde espiritual. Também fica atestado que todo e qualquer crescimento, precisa ser examinado à luz da pregação fiel das Escrituras, visto que, “hodiernamente, o papel da igreja nesta sociedade parece confuso”.³⁶⁸ Assim, “para que a sociedade sinta o real poder que a igreja tem, é preciso atentar para a pregação da Palavra de Deus”.³⁶⁹

³⁶⁰ GONÇALVES, Isaac Aranha Junior. *Uma nova reforma protestante urgente: uma análise do evangelho moderno*. Manaus AM: Belvedere, 2013, pp. 20-21.

³⁶¹ TARQUINIO, Luiz. *Crise evangélica: pensamentos sobre a igreja e a liderança evangélica no início do terceiro milênio*. Salvador: Raízes, 2010, p. 35.

³⁶² VALADARES, Op. Cit., p. 35.

³⁶³ LOPES, Op. Cit., p. 209.

³⁶⁴ DEVER, Op. cit., p. 40.

³⁶⁵ LLOYD- JONES, Op. Cit., p. 16.

³⁶⁶ LOPES, Op. Cit., p. 209.

³⁶⁷ VALADARES, Op. Cit., p. 36.

³⁶⁸ VALADARES, Op. Cit., p. 33.

³⁶⁹ Ibid. p. 34.

4.2.2 A pregação expositiva e a vida doutrinária da igreja

Segundo Murray “a saúde do rebanho está relacionada ao pasto aos quais os pastores conduzem as ovelhas”.³⁷⁰ Nas linhas próximas dialogar-se-á um pouco sobre a vida doutrinária da igreja. Em outras palavras, pensar-se-á sobre o papel da pregação expositiva como ferramenta insubstituível em proporcionar saúde à igreja de Cristo.

De acordo com Valadares “se o mundo continua o mesmo em matéria de sede de Deus, a igreja, por sua vez precisa refletir sobre seu papel”.³⁷¹ O mesmo autor ainda afirma que o “declínio da igreja está relacionado ao empobrecimento e ao desprestígio do púlpito” e que “o exacerbado número de crentes nominais nas igrejas está transformando os cultos, [...] em mera liturgia cultural”.³⁷² Na mesma vereda, MacArthur nomeia que “pregar a Palavra e confrontar ousadamente o pecado, são vistos como coisas antiquadas”³⁷³ na igreja contemporânea. Desta feita, a carência da pregação genuína do evangelho tem conduzido inúmeras igrejas à sarjeta espiritual, visto que “hoje, por falta de pregação bíblica, a suposta “igreja” está cheia de pessoas carnais e ímpias identificadas com o cristianismo”.³⁷⁴

Conforme MacArthur, o declínio da igreja contemporânea é resultado prático da pregação que se faz presente nos referidos púlpitos, ou seja, a falta de saúde e vida da igreja é consequência lógica da escassez da exposição das Escrituras. Para o mesmo, isso acontece porque “muitos pregadores já abandonaram a pregação bíblica em favor de mensagens devocionais que têm o objetivo de fazer as pessoas se sentirem bem”.³⁷⁵ Cremos que isso é suficiente para mostrar que, embora a igreja contemporânea esteja crescendo, não está crescendo saudavelmente. Na verdade, o crescimento numérico da igreja deve sempre ser resultado do crescimento qualitativo.

Contudo, o que esperar de igrejas onde a Palavra de Deus se tornou escassa e aparentemente sem eficácia?³⁷⁶ Como escreveu o saudoso pastor Coelho Filho, no atual cenário da fé, “ganhamos em números, o que é bom, mas perdemos em conteúdo, o que é

³⁷⁰ MURRAY, Op. Cit., p. 26.

³⁷¹ VALADARES, Op. Cit., p. 35.

³⁷² Ibid. p. 36.

³⁷³ MACARTHUR, 1997, Op. Cit., p. 13.

³⁷⁴ WESHER, Op. Cit., p. 62.

³⁷⁵ MACARTHUR, John Jr. *Por que estou comprometido em ensinar a Bíblia*. Fe para hoje. Revista da Editora Fiel da Missão Evangélica Literária, São José dos Campos, SP, 2002, nº 12, p. 1.

³⁷⁶ KAISER, Op. Cit., p. 24.

lastimável”.³⁷⁷ Naturalmente, o remédio para os males da igreja contemporânea, encontra-se nas Escrituras. Embora repetitivo, vale ouvir novamente a voz de Kaiser sobre esse axioma:

A cura para muitos dos males que afligem a igreja e os seminários da atualidade deve ser encontrada na fiel exposição da Palavra de Deus. A fidelidade nesta área é o principal pré-requisito das mais profundas inquietações que sentem atualmente a igreja e a sociedade.³⁷⁸

Assim, “temos instrução clara da Palavra de Deus sobre o que Ele fez por meio de Cristo, como Ele espera que vivamos, como espera que organizemos sua igreja”,³⁷⁹ e todo “pregador que deixar de corrigir e repreender, não estará cumprindo seu chamado. A verdade é que o ministro que almeja a excelência, jamais pode negligenciar estes aspectos de sua chamada”.³⁸⁰ Segundo Dever, a pregação expositiva é a ferramenta basilar para a vida doutrinária da igreja. Ele destaca:

Uma igreja saudável é uma igreja que ouve a Palavra de Deus e continua a ouvi-la. E essa igreja é constituída de cristãos individuais que ouvem a Palavra de Deus e continua a ouvi-la, sendo sempre transformados e moldados por ela, constantemente lavados na Palavra e santificados pela verdade de Deus.³⁸¹

Assim sendo, é *obrigatório* entender-se que “a pregação é a atividade da igreja que lida realmente com a situação e produz resultados duradouros e permanentes”.³⁸² Portanto, a despeito dos argumentos da pós-modernidade, deve-se conservar a pregação na posição primária e central.³⁸³ Negociar esse princípio é anelar o desencanto de uma igreja numericamente enferma.

4.2.3 A pregação expositiva e a vida pessoal do pregador: coerência entre discurso e prática

Até o dado momento o que se fez foi mostrar a relevância da pregação expositiva na vida da igreja contemporânea. Nestas linhas finais, mesmo que de maneira bem resumida, expor-se-á algo intrinsecamente ligado com a pregação da Palavra, o próprio pregador. A

³⁷⁷ COELHO FILHO, Isaltino Gomes. *A ética dos profetas e sua implicação para nossos dias*. Campinas, SP: Autor, 2008, p. 11.

³⁷⁸ KAISER, Op. Cit., p. 59.

³⁷⁹ WESHER, Op. Cit., p. 9.

³⁸⁰ MACARTHUR, 1997, Op. Cit., pp. 32-33.

³⁸¹ DEVER, Op. Cit., p. 51.

³⁸² LLOYD-JONES, Op. Cit., p. 38

³⁸³ .ibid. p. 38.

intenção não é palmilhar o perfil ideal de um pregador, até porque seria muita pretensão isto. Sendo assim, nada é exposto sobre o chamado ministerial, sobre a piedade cristã, sobre o zelo com a família, sobre o papel do Espírito Santo, ou sobre seu perfil intelectual, entre outros.³⁸⁴ O alvo é apenas ajustar poucas linhas sobre a ética pessoal do pregador do evangelho, ou seja, a coerência que deve haver entre a pregação e a vida do mesmo, já que “hoje, com tantos escândalos de [...] pastores e missionários, a igreja evangélica se tornou uma das instituições mais desacreditadas da sociedade”.³⁸⁵

Infelizmente, não é apenas a igreja evangélica contemporânea, juntamente com a pregação, que estão em crise. Também enxerga-se uma crise sem precedentes entre os pregadores do evangelho. Na verdade, bem destaca Tarquinio, quando alega que a igreja reflete a liderança que tem.³⁸⁶ Ele ainda salienta que a liderança cristã também acabou por se tornar um mercado gospel, onde há, não apenas mensagens, mas também pastores para todo gosto.³⁸⁷ No mesmo direcionamento, Lopes atesta que “restaurar o pregador; restaurar o púlpito; restaurar a pregação é a necessidade mais urgente da igreja e do mundo”.³⁸⁸ Em concordância com a preocupação de Lopes, Coelho Filho, ao fazer uma leitura dos expositores do evangelho contemporâneo, declara que “uma das maiores necessidades, presentemente, como igreja de Jesus Cristo, é a revalorização da ética”.³⁸⁹

Assim, num cenário onde se clama por expositores íntegros da Palavra de Deus, o pregador dever ser escravo das Escrituras Sagradas, subordinando-se e sendo dominado por elas, pois ele carece de integridade pessoal no ministério pastoral contemporâneo.³⁹⁰ A igreja contemporânea urge por pregadores verdadeiramente habilitados que venham a proclamar a voz de Deus à igreja e ao mundo. Ela precisa de pastores que contendam com o pós-modernismo que busca a todo preço afoga-los na maresia do descomprometimento com o evangelho da glória de Deus. Necessita de pastores apaixonados pela Palavra de Deus, que

³⁸⁴ Para uma análise panorâmica sobre o perfil do pregador ver: MOREIRA, Plínio da Silva. *Homilética, a eloquência da pregação: capacitando o obreiro na sublime arte da pregação*. 12 ed. Curitiba: AD Santos Editora, 2011, pp. 159-163. Para uma análise mais profunda ver: ANGLADA, Paulo Roberto Batista. *Introdução à pregação reformada: uma investigação histórica sobre o modelo bíblico-reformado de pregação*. Ananindeua-Pa. Knox Publicações, 2005, pp. 86-116.

³⁸⁵ COELHO FILHO, Op. cit., p. 11.

³⁸⁶ TARQUINIO, Op. Cit., pp. 35-41.

³⁸⁷ Ibid. p. 35.

³⁸⁸ LOPES, Op. Cit., p. 123.

³⁸⁹ COELHO FILHO Op. Cit., p. 10.

³⁹⁰ Ibid. p. 34. O referido autor usa o termo profeta como sinônimo de pregador em sua obra. Para quem deseja uma boa análise da distorção que a contemporaneidade faz do termo profeta, eis um compêndio prático e teológico.

saiam de sua superfície e mergulhem nas profundidades da fé cristã. A igreja clama para que cada pregador pregue a si mesmo antes de pregar a outros.³⁹¹

Requer-se então, homens de Deus que não temam desagradar seus ouvintes, que não mercadejem nem adulterem a mensagem que receberam de Deus,³⁹² mas que se entreguem à fidelidade na pregação. É pertinente neste momento a advertência de Anglada ao fazer menção ao pregador reformado.

O pregador [...] deve temer e tremer diante de Deus e da magnitude da sua tarefa, mas não pode se acovardar diante de homens, adaptando a mensagem ao gosto do auditório. Proclamar a pecaminosidade do pecado, denunciar a vileza do coração humano, declarar a culpabilidade universal e conclamar pecadores ao arrependimento e advertir empedernidos de coração contra o juízo eterno, não é tarefa que pode ser confiada a covardes.³⁹³

Assim, “o ministério da pregação não é uma profissão a ser buscada, é uma chamada a ser respondida e a igreja não tem qualquer necessidade de funcionários religiosos que pregam mensagens atuais baseadas nos últimos remédios terapêuticos ou modas filosóficas”, mas de pregadores que tanto preguem quanto vivam suas preleções. Para desempenhar tarefa tão árdua é preciso arcar com a responsabilidade de manter uma vida séria e santa.³⁹⁴

³⁹¹ MOREIRA, Op. Cit., p. 160.

³⁹² ANGALDA, 2005, Op. Cit., p. 98.

³⁹³ Ibid. p. 100.

³⁹⁴ COELHO FILHO, Op. Cit., p. 81.

5. CONCLUSÃO

O estudo da pregação expositiva demonstra grande relevância para as igrejas contemporâneas. Diversos movimentos religiosos se dispõem a qualificar inúmeras práticas de pregação na atualidade. Porém, o que muitas vezes se busca é apenas o sucesso imediato, que na maioria das vezes é avaliado a partir dos resultados numéricos obtidos. Entretanto, pouco se nota de real interesse pelas necessidades espirituais dos cristãos, no sentido de viverem em conformidade com as Escrituras e isto tem distanciado o povo de Deus dele Próprio, além de ter posto no ambiente da fé muitas aberrações “gospeis”, proporcionando, para a o cristianismo contemporâneo, uma crise de identidade. Em muitas igrejas “a cultura do sucesso impregnou-se na mentalidade evangélica de tal modo que não admitem nada menos que o sucesso, e nesse contexto, com sua pregação do reino de Cristo e a submissão do homem [...] tornou-se não apenas antiquado, mas irrelevante”.³⁹⁵

Diante de tal realidade, este trabalho apresentou a importância da pregação expositiva na igreja contemporânea, pois “o caminho da relevância começa a ser encontrado no momento em que a igreja compreende em que se tem transformado. À proporção em que a igreja toma consciência de seus desvios, ela acha seu caminho e então começa a fazer a diferença”.³⁹⁶ Nada mais adequado para apontar este caminho que o confronto com a própria Palavra de Deus.

No primeiro capítulo abordou-se sobre “a pós-modernidade e a descaracterização da pregação expositiva em alguns círculos evangélicos”, discorrendo, mesmo que de forma sucinta, a respeito de características cruciais da referida época, a fim de alçar-se os impactos estas introduzem na pregação hodierna.

No capítulo seguinte, tratou-se da teologia da pregação expositiva. Aqui buscou-se subsídios a partir da própria Escritura. Aludiu-se ainda a inerência de sua cristocentricidade, tendo a cruz de Cristo como verdade inseparável. Assim, ficou claro que no âmago da pregação expositiva está não apenas Cristo, mas este crucificado.

No terceiro capítulo apresentou-se a relevância da genuína pregação expositiva na igreja contemporânea. O objetivo foi mostrar que, embora haja outros métodos de pregação,

³⁹⁵ SOUSA, Op. Cit., p. 21.

³⁹⁶ Ibid. p. 36.

este é o mais eficaz e eficiente na vida da igreja. Com este método, a igreja causará maior impacto na sociedade hodierna, em vez de ser impactada por ela. Ainda com este método, ela adere características que criam um ambiente mais saudável, o que por sua vez redundará no crescimento, tanto qualitativo quanto quantitativo. Deste modo, à medida que a igreja contemporânea desfruta de uma pregação genuinamente bíblica, ela permanece firme diante dos seus obstáculos da contemporaneidade.

Portanto, uma igreja saudável procura conservar algumas diretrizes essenciais da fé cristã, mas isto é algo tão necessário quanto desafiador, pois diante da realidade supracitada, as igrejas contemporâneas têm grandes desafios ao se colocarem diante da cultura. Superar estes desafios só será possível quando a igreja passar a conhecer, permanecer, viver e anunciar a Palavra, pois se vive em um mundo de mudanças rápidas, por isso é essencial ter-se em mente, de forma concisa, o que deve nortear a igreja hoje. Deste modo, os seus desafios serão superados à proporção que os pregadores retornarem às Escrituras Sagradas para a nutrição, tanto pessoal quanto coletiva, da igreja. Ao mesmo tempo, que Deus seja louvado por aqueles que não têm se dobrado diante das influências da pós-modernidade, sabendo que a relevância da igreja está fincada na fiel exposição da Palavra de Deus, que forma na igreja uma identidade coerente com o Cristo crucificado e não com o cenário moderno, pois para viver numa época tão instável, a igreja contemporânea precisa fazer uso da pregação expositiva.

Claramente, o que aqui foi exposto é apenas uma sintética avaliação do assunto proposto, porém espera-se em momentos futuros desenvolverem-se outros trabalhos que embarquem o mesmo assunto, quando aspectos não expostos no momento poderão ser apreciados. Por exemplo: “o problema teológico: a falácia de separar teologia de pregação”. E também: “o pastor como teólogo: os desafios de se pregar numa sociedade pós-moderna”.

Soli Deo Gloria!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANGLADA, Paulo Roberto Batista. *Introdução à pregação reformada: uma investigação histórica sobre o modelo bíblico-reformado de pregação*. Ananindeua-Pa. Knox Publicações, 2005.

_____. *Sola Scriptura: A Doutrina Reformada das Escrituras*. 2 ed. Ananindeua: Knox Publicações, 2013.

BRAGA, James. *Como preparar mensagens bíblicas*. Tr. João Batista. 2 ed. São Paulo: Vida, 2005.

CAIRNS, Earle E. *O cristianismo através dos séculos: uma história da igreja cristã*. Tr. Israel Belo de Azevedo. 2 ed. São Paulo: Vida Nova, 1995.

CAMPOS, Samuel Marques. *A pregação de Jesus como paradigma para a igreja contemporânea: um estudo exegético da pregação de Cristo nos evangelhos sinóticos*. Belém – PA: Fatebe, 2010. Dissertação apresentada à Faculdade Teológica Batista Equatorial, como requisito final para obtenção do título de Mestre em Teologia. Material não publicado.

CAMPOS, Samuel Marques; SANTOS NETO, Dílson Augusto. *A situação da pregação contemporânea: uma reflexão sobre ressonâncias da cultura pós-moderna em sermões de igrejas evangélicas na região metropolitana de Belém*. Revista Sistemática Equatorial. Revista da Faculdade Batista Equatorial, Belém PA, nº 02, 2014

CARSON, D.A. *igreja emergente: o movimento e suas implicações*. Td. Marisa K.A. de Siqueira Lopes. São Paulo: Vida Nova, 2010.

_____. *O Deus amordaçado: o Cristianismo confronta o pluralismo*. Td. Lena Aranha, Regina Aranha. São Paulo: Shedd Publicações, 2013, p. 58.

_____. *A Cruz de Cristo e o Ministério Cristão: Lições sobre liderança baseada em 1 Coríntios*. Tr. Francisco Wellington Ferreira. São Paulo: Fiel, 2009.

_____. *Cristo e Cultura: uma releitura*. Tr. Marcio Loureiro Redondo. São Paulo: Vida Nova, 2012.

COSTA, José Carlos de Lima Costa. *Homilética*. Belém – Pará: Fatebe, 2010. Apostila não publicada, produzida para a disciplina de Homilética, do curso de Bacharel em Teologia pela Faculdade Teológica Batista Equatorial.

_____. *Propedêutica*. Belém – PA. Fatebe, 2010. Apostila não publicada, produzida para a disciplina de Propedêutica Bíblica, do curso de Bacharel em Teologia pela Faculdade Teológica Batista Equatorial.

CASSIMIRO, Arival Dias. *Resistindo à secularização: reflexões sobre a luta da igreja contra a secularização*. São Paulo: Socep, 2002.

COELHO FILHO, Isaltino Gomes. *A ética dos profetas e sua implicação para nossos dias*. Campinas, SP: Autor, 2008, p. 11.

DEVER, Mark. *9 Marcas de uma igreja saudável*. Td. Tiago J. Santos Filho. São Paulo: fiel, 2007.

DREHER, Martin N. *A igreja no mundo medieval: Coleção história da igreja Vol. 2*. São Leopoldo: Sinodal, 1994.

GEISLER, Norman. *A Inerrância da Bíblia: uma sólida defesa da infalibilidade das Escrituras*. Tr. Antivan Mendes. São Paulo: Vida, 2001.

_____. *Teologia Sistemática: uma introdução à Teologia, à Bíblia, Deus, a Criação*. Tr. Marcelo Gonsalves e Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 2010.

GRENZ, Stanley J. *Pós-modernismo: um guia para entender a filosofia do nosso tempo*. Td. Antivan Guimarães Mendes. São Paulo: Vida Nova, 2008.

GINGRICH, F. Wilbur. *Léxico do Novo Testamento: grego português*. Td. Júlio P. T. Zabatiero. São Paulo: Vida Nova, 1984.

GONÇALVES JUNIOR, Isaac Aranha. *Uma nova reforma protestante urgente: uma análise do evangelho moderno*. Manaus AM: Belvedere, 2013.

GRUDEM, Wayne A. *Teologia Sistemática*. Td. Norio Yamakami, Luci Yamakami, Luiz A. T. Sayão, Eduardo Pereira e Ferreira. São Paulo: Vida Nova, 1999.

HODGE, HODGE, A. A. *Confissão de fé Westminster comentada*. Td. Valter Graciano Martins. São Paulo: Os Puritanos, 1999.

KAISER JUNIOR, Walter C. *Pregando e ensinando a partir do Antigo Testamento: um guia para a igreja*. Rio de Janeiro. CPAD, 2010.

LACHLER, Karl. *Prega a palavra. Passos para a pregação expositiva*. Td. Robinson Malkomes. São Paulo: Vida Nova, 1990.

LANDERS, John. *Teologia dos Princípios Batistas*. 3 ed. Rio de Janeiro: Juerp, 1994.

LARSEN, David L. *Anatomia da pregação: identificando os aspectos relevantes para a pregação de hoje*. Td. Emerson Justino. São Paulo: Vida, 2005.

LLOYD-JONES, D. Martyn. *Pregação e pregadores*. Trad. Joao Bentes Marques. 2 Ed. São Paulo. Fiel, 2011.

LOPES, Hernandes Dias. *Os desafios da vida ministerial*. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=vIFCaKc57w0>>, acesso em 23-10-2014.

_____. *Pregação expositiva: sua importância e relevância para o crescimento da igreja*. São Paulo: Hagnos, 2008.

GOME, Marcio Roberto. *Vivendo em um mundo secularizado*. Revista para jovens, grupos pequenos e estudos bíblicos. Revista da editora Cristã evangélica, São José dos Campos – SP, 2002.

MACARTHUR, John. *Verdade vs técnica*. Revista os puritanos: por reforma e avivamento hoje. Revista da Editora os Puritanos, Recife - PE, 1997, nº 05.

_____. *Com vergonha do evangelho: quando a igreja se torna como o mundo*. Trad. Eros Pasquini Jr. São Paulo. Fiel, 2010.

_____. *Pense Biblicamente: recuperando a visão cristã de mundo*. Tr. Osvaldo Chamorro. São Paulo: Hagnos, 2005.

_____. *A guerra pela verdade: lutando por certeza numa época de engano*. Tr. Gordon Chown. São Paulo: Fiel, 2008.

_____. *O Evangelho Segundo Jesus*. São Paulo: 2 ed. Fiel, 2010.

_____. *Por que estou comprometido em ensinar a Bíblia*. Fe para hoje. Revista da Editora Fiel da Missão Evangélica Literária, São José dos Campos, SP, 2002, nº 12.

MACHEN, John Gresham. *Cristianismo e liberalismo*. Td. Caio Cesar Dias Peres. São Paulo: Shedd Publicações, 2012.

MOOLER, Albert. R. Jr. *Deus não está em silêncio: pregando em um mundo pós-moderno*. São Paulo. Fiel, 2011.

MONTGOMERY, James Boyce. *A centralidade da Cruz*. Revista fé para hoje. Revista da Editora Fiel da Missão Evangélica Literária, São Paulo, nº 8.

MUELLER, John Theodore. *Dogmática Cristã*. Td. Martinho L. Hasse. 4 ed. Porto Alegre: Concórdia, 2004.

MURRAY, Iain. *A igreja: crescimento e sucesso*. Revista fé para hoje. Revista da Editora Fiel da Missão Evangélica Literária, São Paulo, nº 5, p. 17.

OLYOTT, Stuart. *Pregação pura e simples*. Td. Francisco Wellington Denham Jr. São Paulo: Ed. Fiel, 2010.

OLSON, Roger E. *História da teologia cristã: 2000 anos de tradição e reformas*. Td. Gordon Chown. São Paulo: Vida, 2001.

ROBINSON, Haddon W. *Pregação bíblica: o desenvolvimento e entrega de sermões expositivos*. Td. Hope Gordon Silva. São Paulo: Shedd publicações, 2002.

ROBINSON, Haddon; LARSON, B. Craig. *A arte e o ofício da pregação bíblica: um manual abrangente para os comunicadores da atualidade*. Td. Valdemar Kroker, Daniel Hubertkroker, Rebeca Hubertkroker. São Paulo: Shedd publicações, 2009.

SALINAS, Daniel; ESCOBAR, Samuel. *Pós-modernidade: novos desafios à fé cristã*. 2 ed. São Paulo: ABU, 2002.

SHEDD, Russel P. *O mundo, a carne e o diabo*. São Paulo: Vida Nova, 1995.

_____. *Disciplina na igreja*. São Paulo: Vida Nova, 2007.

SILVA, Osiel Gomes. *Mais palavras, menos movimento*. São Luís – MA: Doksa, 2008.

SOUSA, Jadiel Martins. *Charles Finney e a secularização da igreja*. São Paulo: Parakletos, 2002.

STOTT, John. *Eu creio na pregação*. Td. Gordon Chown. São Paulo: Vida, 2003.

_____. *A Cruz de Cristo*. Tr. João Batista. São Paulo: Vida, 2006.

SWINDOLL, Charles. *A Igreja Desviada: um chamado urgente para uma nova reforma*. Td. Vanderlei Ortigoza. São Paulo: Mundo Cristão, 2012.

TARANTO, Aldemaro Goulart. *Notas sobre o desconstrucionismo de Jacques Derrida*. MG: PUC de Minas. Programa de pós-graduação em letras Literaturas de língua portuguesa, 2003. <www.pucminas.br/imagedb/.../PUA_ARQ_ARQUI20121011175312.pdf>

TARQUINIO, Luiz. *Crise evangélica: pensamentos sobre a igreja e a liderança evangélica no início do terceiro milênio*. Salvador: Raízes, 2010.

THROUP, Marcus Oliver. *O valor inestimável da pregação: a homilética em meio aos desafios da atualidade*. São Paulo: Candeia.

VALADARES, Samuel. *Chamados para Pregar*. São Paulo: Ágape, 2011.

WALDRON, Samuel. *Cristianismo Fácil*. Revista fé para hoje. Revista da Editora Fiel da Missão Evangélica Literária, São Paulo, nº 5, 2000.

WESHER, Paul. *10 acusações contra a igreja moderna*. Td. Francisco Wellington Ferreira. São Paulo: Fiel, 2011.

WIERSBE, W. Warren. *Comentário expositivo do novo testamento: 1 Coríntios*. Vol. 2. Td. Susana E. Klassen. Santo André, SP: Geográfica, 2007.

Sites consultados

www.teologiabrasileira.com.br.

www.teologiabrasileira.com.br.

www.ruipaz.pro.br/textos/renascimento.

www.dicio.com.br